

Razão e Dogma



Americo D. Nunes Filho

Razão e Dogma

Americo D. Nunes Filho

0

RAZÃO E DOGMA

Apresentação do autor

Américo Domingos Nunes Filho é médico. Labuta dentro do movimento espírita do Estado do Rio de Janeiro como conferencista, escritor e jornalista. É produtor de cinema e vídeo, tendo fundado o Centro Audiovisual Espírita (CAVE), com a função precípua de divulgar a Doutrina codificada por Kardec, gratuitamente, através do vídeo; membro da SPLEB (Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille); da Instituição Espírita Cooperadoras do Bem Amélie Boudet, dando assistência espiritual aos reeducandos do Ponto Zero, em Benfica; da ABRAJEE (Associação Brasileira dos Jornalistas e Escritores Espíritas) nº 1739, expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil e dirigente do Grupo de Estudos Espíritas Dimas.

Autor de quatro livros: "Cartas a um Sacerdote", publicado pela Editora Espírita "Mensagem de Esperança", Capivari - São Paulo; "O Consolador Entre Nós", pela Editora "O Clarim" Matão - São Paulo; "Sexualidade e Espiritismo", pelo Dept Editorial do Centro Espírita Léon Denis e "A Queda dos Véus" também pelo "Léon Denis" - RJ.*

Nossa Homenagem

Saudamos o querido companheiro Cairbar Schutel - espírito missionário do Cristo, fundador da Casa Editora O Clarim - aquele que foi, em terras do Cruzeiro, um dos primeiros a levantar a voz, apontando os erros e as incongruências bíblicas, sofrendo por isso perseguição contumaz dos adeptos do dogmatismo cego.

Obrigado, amigo, pela herança abençoada que de sua gloriosa pena nos foi outorgada.

Dedicatória

Dedicamos este livro a um grande amigo que, após a libertação física de Deolindo Amorim, lhe sucedeu na tarefa de ajudar-nos como escritor e articulista espírita.

Manoel Fernandes, trabalhador incansável do SEI (Serviço Espírita de Informações), receba nossos efusivos agradecimentos pelo bondoso empurrão em nossos artigos doutrinários, como também por sua crítica bem fundamentada e amorosa. Que Jesus o ilumine para todo o sempre.

Obrigado, Senhor, por nos ter concedido a alegria de reencontrar o querido companheiro nesta existência.

Introdução

Trazemos aos leitores uma obra que se realizada na Idade Média certamente levaria seu autor à fogueira, sendo tachado de bruxo, feiticeiro ou herege. Hoje, ainda existem muitas pessoas presas ao obscurantismo científico e religioso, irmanadas em complexo vibratório sectário e ortodoxo, insensíveis às mudanças que o próprio tempo enseja.

Quantas são as envolvidas com o mercantilismo, fazendo da religião um modo de viver, obrando em proveito próprio, às vezes até enriquecendo-se, às custas do Mestre que dizia não ter onde recostar a cabeça (Mateus **8:20**).

Enquanto que, no passado, bastava o crer, atualmente, exige-se o compreender. Vivemos a época da razão, onde o conhecimento é contestado ou negado, se não explicado com lógica e sensatez. Daí o insigne codificador da doutrina espírita, Allan Kardec, ter dito, com muita propriedade: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade”. (O Evangelho Segundo o Espiritismo).

O momento histórico atual, já penetrando nos primeiros clarões da alvorada do Terceiro Milênio, coloca todos os homens dentro da oportunidade da renovação: ‘O joio separado do trigo’ (Mateus **13:30**), e os que pensam com autenticidade verão as barreiras do dogmatismo e da intolerância serem derrubadas.

Então, o cristianismo primevo ressurgirá das cinzas da intransigência, como nos tempos seguintes aos de Jesus, com toda a sua pureza e legitimidade, trazendo de volta atitudes e conceitos que foram anatematizados pelo interesse próprio do homem sacerdotal, aliado ao poder temporal, que lhe dava sustento e autoridade.

Este é um livro que deverá ser lido sob a ótica do raciocínio e da honestidade, procurando se desvencilhar das teias do comodismo, da inépcia, do conformismo, da não contestação, sem repetir o bom moço que aceita o pensamento de outrem como cordeirinho, sem inteligência e personalidade, apenas acreditando nos que falam com suposta autoridade.

Portanto, damos a lume o que nossa consciência nos permitiu fazer, na situação grave em que vivemos, época de grandes lutas interiores, quando nossa mente deverá ser canalizada para a sinceridade da análise dos textos bíblicos deformados, que vêm descaracterizando a mensagem alvissareira da Bíblia.

Disse Jesus: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (João **8:32**).

Prefácio

Américo Domingos Nunes Filho é, sem dúvida, no Brasil, o escritor espírita que mais se mostra identificado com o labirinto dos textos bíblicos e sua hermenêutica.

Nos quatro livros anteriores que escreveu, abundam as citações de capítulos e versículos da Escritura. “Razão e Dogma” não foge à regra. Em treze capítulos, o Autor aborda detalhadamente o assunto com conhecimento de causa, revelando-se perfeito bibliocasta e arraigado bibliófilo.

Do cômputo geral, evidencia-se a justeza do conceito de C. S. Shalders, em sua obra *A Religião e o Bom Senso*:

“Chegamos à conclusão lógica e irrefutável: encontramos na Bíblia muita coisa boa, muita coisa que edifica, que contribui para o nosso desenvolvimento espiritual, que, portanto, pode ser aceita com a Palavra de Deus; mas não podemos e não devemos aceitar às cegas tudo que ela diz; é preciso fazer passar tudo pelo cadinho da razão, do bom senso. Procedendo assim estaremos honrando a Deus, que nos deu a razão para ser a lâmpada que alumia o nosso caminho.”

Por seu turno, opina M. R. Bennet em *Um Comentário Corrente da Bíblia*:

“As caricaturas de Deus, no Velho Testamento, ultrapassam todas as caricaturas jamais inventadas. Uma grande parte do Velho Testamento é feita de narrativas de brutais assassinatos, espantosas crueldades, fraudes por atacado, cobiças e luxúrias levadas ao superlativo. É loucura ou leviandade aceitar a Bíblia em sua totalidade”.

Assim entende também Américo Domingos Nunes Filho, como prova em todo o contexto do seu livro e, mais especificamente, nos capítulos “Razão e Dogma”, “O Espírito Santo”, “A Deificação de Jesus”, “Incongruências Bíblicas” e “Curiosidades da Bíblia”.

O Autor não levou em consideração os Apócrifos (livros espúrios ou suspeitos de heresia), mas certamente não discorda da escritora Maria Helena de Oliveira Tricca, que assevera em *Apócrifos - Os Proscritos da Bíblia**

“É mais difícil estabelecer quais os primeiros cristãos do que o primeiro evangelista. (...) Os Evangelhos conhecidos hoje não são ‘textos corridos’, como os Apócrifos. São excertos, resumos, os chamados Sinóticos, relacionados com a vida e a obra de Cristo, e eram usados por várias seitas. Sua autoria é incerta, razão por que são chamados Evangelho Segundo Mateus, Segundo Lucas, Segundo Marcos. A exceção parece ser o Evangelho de João.”

No capítulo II, assevera Américo Nunes Filho:

“A Bíblia sofreu muitos retoques e retificações. A ‘Enciclopédia das Ciências Religiosas’, de F. Lichtenbetger, relata a afirmação de A. Sebastier, decano da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, que ‘os manuscritos originais dos Evangelhos desapareceram, sem deixar nenhum vestígio certo na História’.”

Sabe-se, aliás, que, na primavera de **1947**, um pastor beduíno encontrou, numa caverna de Qumran, perto da praia do Mar Morto, documentos aramaicos e hebreus muito antigos (pergaminhos bíblicos e não-bíblicos). Posteriormente, localizaram-se mais dez cavernas, nas quais foram encontrados mais alguns manuscritos. “Ao todo, os onze

Manuscritos do Mar Morto, mais ou menos completos e milhares de fragmentos pertencentes originariamente a quase seiscentos pergaminhos, formam um denso corpo literário abrangendo a Bíblia hebraica, outros escritos religiosos e as obras de uma específica seita judaica.” (Cf. Os Manuscritos do Mar Morto, de G. Vermes, página 11)

E assim, graças a subsídios colhidos aqui, ali, acolá, a verdade completa, límpida e irretorquível, virá a lume.

Para isso, é de um valor inestimável a colaboração deste livro.

Capítulo J Razão e Dogma

Há algum tempo, participamos de um debate através de cartas com um pastor protestante. Tudo teve início, quando o digno “evangélico” assim se dirigiu a uma pessoa da nossa família, que deixava a igreja metodista e se tomava espírita: “A senhora teve o privilégio de conhecer a Fonte da Água da Vida e não deve trocá-la jamais por cisternas rotas, que não têm água, somente lodo”.

É importante frisarmos que esse irmão agressivo está na mesma faixa evolutiva daqueles fanáticos e também violentos religiosos do passado que queimaram os livros de Allan Kardec, em solo espanhol (Auto-de-fé de Barcelona) e que, no presente, apedrejam os centros espíritas, como o “Cristo Consolador”, situado no bairro da Abolição, RJ, atacado pelos chamados “crentes evangélicos”.

A propósito do pensamento do reverendo protestante, lembramo-nos de Eça de Queiroz: “Cada um pensa como quer, como sabe, como lhe deixam ou como lhe convém”. O apóstolo Paulo nos ensina nessas ocasiões: “Se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma falta, vós, que sois espiritual, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guardai-vos para que não sejais também tentado”. (Epístola aos Gálatas 6:1).

Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo nos esclarece: “Quando era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino; mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Antes via as coisas como em espelho, obscurante, agora começo a ver tudo face a face”... (I Co. 13:11-12).

Dissemos ao reformista que nós, espíritas, não nos submetemos a dogmas, já que não são fundamentados na razão e repudiamos a fé cega contrária à evolução e ao progresso. Não rejeitamos a Bíblia; muito pelo contrário, nós a estudamos com grande dedicação, sem fanatismo e sem a escravidão da letra.

Explicamos-lhe que os dirigentes da doutrina codificada por Allan Kardec não percebem remuneração financeira, vivem para a religião e de maneira nenhuma da religião. No terreno delicado das coisas espirituais e no trato das questões profundas da alma não pode haver fonte de renda material. Devemos entender o sentido profundo e o ensinamento tão

atual da expulsão, pelo Mestre Jesus, de todos aqueles que se aproveitavam da religião para estabelecer um comércio, no templo de Jerusalém. (Lucas **19:45-46**).

Frisamos ao pastor que os “crentes” não podem fazer oposição à Igreja-Mãe, a Católica, com sua pompa e riqueza, nem tampouco criticar outras crenças que desconhecem, se, atualmente, certos setores do protestantismo estão assumindo o papel de “indústria da religião”, com seus dignos representantes pregando a humildade do Cristo, enquanto viajam em seus aviões particulares e administram empresas de grande vulto e de grande poder econômico, tomando-se trastes do Evangelismo.

Alertamos-lhe a respeito da verdadeira epidemia de ramificações pseudo-evangélicas, organizadas por “missionários e bispos” que proliferam em nossa pátria. Esses dirigentes estão enriquecendo-se, aproveitando a credulidade passiva das pessoas mais ignorantes, às quais vendem até “óleo ungido”, desconhecendo que “óleo ungido” é igual a água molhada; portanto, uma redundância, desde que ungir é passar óleo e passar óleo no óleo é tamanha burrice. Esses “crentes” já existiam no tempo do cristianismo nascente, quando foram desmascarados por Paulo, na cidade de Éfeso, onde eram conhecidos como “exorcistas ambulantes”. (Livro de Atos dos Apóstolos **19:13**).

Expusemos-lhe que o Espiritismo é essencialmente moral e cristão. Representa o cristianismo redivivo, sem os manuais teológicos e princípios dogmáticos que obscureceram a fonte de luz emanada dos Evangelhos. Vem ensinar aos homens a origem divina de todos os mandamentos de Jesus e edificar as religiões com lições calcadas na lógica do raciocínio são.

Citamos-lhe que, assim como o judeu fanático de outrora, o “evangélico” ortodoxo de hoje cumpre rigorosamente o que parece revelar das letras das Escrituras, sem observar o sentido, o simbolismo e o espírito de que estão revestidas. Faz da Bíblia uma verdadeira idolatria, designando-a de “palavra de Deus” e não vê nela algum erro nem deslize, chamando de profanos aos que a lêem utilizando a razão.

Afirmamos-lhe que, em pleno século XX, vivendo-se o apogeu dos conhecimentos científicos e tecnológicos, não podemos mais aceitar com fidelidade a máxima “credo quia absurdum”, a fé cega que afasta do aprisco divino aqueles que utilizam o intelecto e não aceitam o absurdo.

Exemplificamos-lhe a respeito do assunto, com a máxima de Allan Kardec, contida em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: “Fé só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da humanidade”.

Esclarecemos ao pastor que não tivemos qualquer propósito de polêmica, tentamos apenas mostrar-lhe alguma coisa a respeito do espiritismo, que de maneira alguma, é “lodo”, e esperamos ter servido ao irmão protestante em sua atual trajetória evolutiva. Cremos que, após o seu despertar na espiritualidade, se lembrará do que lhe escrevemos e

de sua suposta finalidade.

Capítulo JJ A Bíblia e o pensamento espírita

Muitos irmãos espíritas não admitem o estudo do “Livro dos Livros”, em nosso meio doutrinário. Contudo, Allan Kardec, em “A Gênese” (Ed. FEB), assim se expressa: “A Bíblia, evidentemente, encerra fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia hoje aceitar e outros que parecem estranhos e derivam de costumes que já não são os nossos. Mas, a par disso, haveria parcialidade em se não reconhecer que ela guarda grandes e belas coisas. A alegoria ocupa ali considerável espaço, ocultando sob o seu véu sublimes verdades, que se patenteiam, desde que se desça ao âmago do pensamento, pois que logo desaparece o absurdo.

“Por que então não se lhe ergueu mais cedo o véu? De um lado, por falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia podiam fornecer e, de outro lado, por efeito do princípio da imutabilidade absoluta da fé, conseqüência de um respeito ultracego à letra, e, assim, pelo temor de comprometer a estrutura das crenças, erguida sobre o sentido literal.” (Cap. IV, nº 6, pgs. 87 e 88).

Quanto à segunda parte da Bíblia – O Novo Testamento –, ou mais precisamente ao relato dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, o Codificador enfatiza, também na obra “A Gênese”: “O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; veem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a alegoria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.” (Cap. I, nº 41, Ed. FEB)

Portanto, a doutrina espírita aceita as Escrituras, estudando com imparcialidade e honestidade o seu conteúdo; sem fanatismo e sem a escravidão da letra. Baseados no raciocínio são, na razão, que repudia a fé cega, contrária à ciência e ao progresso, os espíritas sabem que a Bíblia foi escrita e traduzida por homens; portanto, sujeita a erros e deslizes. De maneira nenhuma há aceitação da máxima “credo quia absurdum”, fazendo de o “Livro do Livros” uma verdadeira idolatria. Como ensinava Allan Kardec, deve-se observar o simbolismo e o espírito de que estão investidas as letras das Escrituras. Já o exegeta ortodoxo assim não procede e cumpre rigorosamente os ensinamentos que emanam dos textos, considerando-os divinos de capa a capa.

Emmanuel, trabalhador incansável do Cristo, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, nos diz: “O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do

sentimento é do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as criaturas a todos os despautérios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes” (“O Consolador”, ed. FEB, pág. 201, 6ª edição).

Ainda hoje, os admiradores não racionais da Bíblia aceitam a criação do mundo em seis dias de vinte e quatro horas. Acreditam que o Universo foi criado há seis mil anos, discordando inteiramente da Ciência. Interpretando contra a verdade a parábola do Gênesis, negam a teoria da Evolução e tacham-na de “demoníaca”, apesar do grande desenvolvimento cultural e científico de nosso tempo revelar sua existência. Louvemos a Darwin, injuriado e anatematizado pela Igreja quando buscava a verdade através da razão! Embora a Astronomia nos revele a grandiosidade do Cosmos, com seu oceano de bilhões de galáxias, continuam os conhecedores profundos de o “Livro dos Livros” a afirmar que a vida só existe na Terra, não entendendo o Cristo quando declarou: “Na casa de meu Pai há muitas moradas...” (João 14:2). Realmente a casa do Pai é o Universo, e a vida não poderia ser criada somente em um minúsculo orbe do insignificante Sistema Solar, situado na borda exterior da grande Via-Láctea e iluminado por uma estrela de quinta grandeza, ofuscada por aproximadamente cem bilhões de outras, somente em nossa galáxia.

Tudo isso é negado com base na crença absoluta de livros que, embora inspirados, foram manipulados pelos homens nas suas diversas cópias e traduções. O próprio São Jerônimo afirmou que fez correções, aumentos e modificações em sua tradução dos manuscritos antigos. Os protestantes excluíram vários livros das Escrituras, como o de Macabeus. A Bíblia protestante não traz o capítulo X^m de Daniel e a tradução de um exegeta não é a mesma de outro.

A Bíblia sofreu muitos retoques e retificações.

“A ‘Enciclopédia das Ciências Religiosas’, de F. Lichtenberger, relata a afirmação de A. Sabatier, decano da Faculdade de Teologia Protestante de Paris, que “os manuscritos originais dos Evangelhos desapareceram, sem deixar nenhum vestígio certo na História. Foram provavelmente destruídos por ocasião da proscrição geral dos livros cristãos, ordenada pelo imperador Deocleciano (edito imperial de 303). Os escritos sagrados que escaparam à destruição não são, por conseguinte, senão cópias.

“Primitivamente, não tinham pontuação esses escritos, mas, em tempo, foram divididos em perícopes, para comodidade da leitura em público – divisões às vezes arbitrárias e diferentes entre si. A divisão atual apareceu pela primeira vez na edição de 1551.

“Apesar de todos os seus esforços, o que a crítica pôde cientificamente estabelecer de mais antigo foram os textos dos séculos V e IV. Não pôde remontar mais longe senão por

conjeturas sempre sujeitas à discussão.

“Orígenes já se queixava amargamente do estado dos manuscritos no seu tempo. Irineu refere que populações inteiras acreditavam em Jesus sem a intervenção do papel e da tinta. Não se escreveu imediatamente, porque era esperada a volta do Cristo. (“Cristianismo e Espiritismo”, Léon Denis, 6ª edição, pgs. 270 e 271, Ed. FEB)

“Depois da proclamação da divindade do Cristo, no século IV, depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas (Ver João 1:5 e 7). Vimos, diz Lcblouis (145), na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda”. (Lcon Denis – Cristianismo e Espiritismo, pág. 272)

A referência, citada acima, trata-se sem dúvidas de um enxerto e a Bíblia, edição revista e atualizada, tradução de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, o coloca em colchetes, o que não se vê nas edições antigas da Imprensa Bíblica Brasileira e nem na “Bíblia de Jerusalém”, das Edições Paulinas. O texto por si só é bem expressivo, em relação à inserção realizada pelos religiosos dogmáticos: “Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue... (1ª Epístola de João, capítulo 5, versículo 7). Já em outro texto (Mateus 28:19), marcadamente adulterado, nem colchetes são encontrados: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. (Os grifos são do autor)

É estranho que o rito do batismo não foi praticado pelo Mestre, conforme ensino enfático de João: “Jesus mesmo não batizava, e, sim, os Seus discípulos” (capítulo 4, versículo 2). Outros – sim, desde que começou o ministério do Cristo na Galiléia não se ouviu mais falar em batismo, a não ser o que foi ventilado, após Sua “ressurreição”, no texto evidentemente apócrifo, citado acima (Mateus 28:19).

Os apóstolos mantiveram o ritual do batismo, simbolizando uma prática original desde os tempos de Moisés (Êxodo 19:10); embora, na maioria dos casos, segundo relato do Evangelho, era seguida do “derramamento do Espírito Santo”, isto é, do intercâmbio mediúnico com os enviados espirituais do Mestre (ver capítulo III – “O Mestre dos Mestres” e capítulo IV – “O Espírito Santo”). Na realidade, o batismo emblemático de João Batista, no rio Jordão, correspondente à remissão dos pecados (Marcos 1:4), deixou de existir com o advento de Jesus. Disse o Tesbita: “Eu, na verdade, vos batizo com água para o arrependimento; mas aquele que há de vir depois de mim, é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo

(Mateus **3:11**). Não mais o culto externo, o cerimonial ritualístico, a mera formalidade. Nesse sentido, à cata do sinal exterior, muitos fariseus e saduceus foram ao batismo de João Batista e o Precursor os rechaçou, exortando-os primeiro ao arrependimento de seus erros, a viverem uma nova vida com honestidade e sinceridade, retirando a máscara da hipocrisia e do preconceito. Aqueles que desejam seguir em verdade as palavras do Cristo serão sempre agraciados com a presença do Consolador prometido por Jesus ou “Espírito Santo”, que corresponde à comunhão com as entidades espirituais mensageiras do Mestre: “Não vos deixareis órfãos” (João **14:18**). “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco” (João **14:16**). “O Consolador ou Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as cousas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (João **14:26**). “O Consolador não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as cousas que hão de vir” (João **16:13**).

Já ser batizado com fogo é possuir a razão, principalmente discernimento das coisas espirituais. Fogo representa purificação pelo calor, libertação das impurezas dos dogmas e dos cultos exteriores; usar o raciocínio e a lógica nas questões espirituais; o remorso que induz a criatura à retificação de seus erros; a dor da provação e da expiação, taxadas como “mistério” pelas religiões tradicionais.

Se de fato o batismo é imprescindível à “salvação” da humanidade, o apóstolo João nunca deixaria de omitir o chamado batismo de Jesus, realizado pelo Precursor, já que o “discípulo amado” sempre acompanhava o Mestre. Na verdade o Cristo veio “cumprir toda a justiça” (Mateus **3:15**), ou seja, revelar ao Batista e aos seus contemporâneos a presença do Messias e Sua missão grandiosa, através de dois fenômenos mediúnicos marcantes: a materialização (“... descendo como pomba” – Mateus **3:16**) e a voz direta (“Este é o meu filho amado, em quem me comprazo” – Mateus **3:17**).

O dogma da Santíssima Trindade, imposto pelo clero aos cristãos no ano **325** D.C., no século IV depois do advento de Jesus, não tem alicerce bíblico: “O Consolador não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido” (João **16:13**). Representa, portanto, um conjunto de Espíritos, de elevada hierarquia, arautos de Deus e do Mestre. De forma nenhuma o próprio Criador: “Não falará por si mesmo”. Quanto à deificação de Jesus, tão bravamente combatida pelo sacerdote de Alexandria, Ário, pedimos ao leitor que busque o capítulo V desta obra.

Capítulo JJJ O Mestre dos Mestres

O mais notável nascimento verificado em nosso planeta foi o de Jesus Cristo. Constituiu-se no mais importante acontecimento espiritual que o nosso orbe pôde presenciar. Legiões e legiões de habitantes do mundo extrafísico acorreram ao grande evento. Naquele momento,

todas as forças inteligentes do Universo estavam voltadas para a Terra, situada num insignificante e sombrio recanto da Via-Láctea, iluminada por uma estrela de quinta grandeza. Verificava-se uma ocorrência de natureza cósmica: um ser perfeito, vindo de uma paragem superior, apresentava-se visível a todos.

As Escrituras previram e confirmaram essa encarnação de um Espírito de escol, dotado de grande conhecimento, revestido de alta autoridade espiritual. Uma Entidade Superior que se sacrificou para poder tomar-se pequeno e se situar nos parâmetros da matéria. Seu amor para todos nós sempre foi incomensurável, não poupando esforços em penetrar em nossa psicosfera e dar vida a um corpo de carne.

Seus pais, espíritos também superiores, foram responsáveis, devido à alta frequência vibratória que emitiam, pelo preparo do local em que mergulharia na carne o mais puro daqueles que nasceram no orbe terráqueo.

Disse o evangelista João, com muita propriedade: “E assim o verbo se fez carne e habitou entre nós cheio de graça e de verdade...” (João 1:14).

Por sinal, uma das táticas das falanges do anticristo consiste em propagar que o Mestre não possuía um corpo de carne, no sentido de negar o grande sacrifício que foi a Sua encarnação na Terra, bem como enquadrá-Lo como um mistificador comum que não precisava de alimentos e, no entanto, fingia mamar e comer.

O bom senso encarnado, Allan Kardec, repele a tese do corpo fluídico de Jesus, dizendo: “os fenômenos produzidos pelo Cristo podem ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal (Rev. Esp. Junho de 1866). Em “A Gênese”, no capítulo XV, o Codificador afirma: “Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

“Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação... Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.” (págs. 352, 353 e 354 - Ed. FEB)

Mais de uma vez, João, o discípulo amado, reafirma e nos orienta: “Muitos evangelistas têm saído pelo mundo afora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne assim é o enganador e o anticristo. Acautelai-vos, para não perderdes aquilo que temos realizado com esforço” (Segunda Epístola de João li7). Anteriormente, na Primeira Epístola, capítulo

quarto, versículos um a três, João já abria os nossos olhos: “Amados, não deis crédito a qualquer espíritos antes provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo”... (Os grifos são nossos) Quanto ao chamado "mistério da encarnação", hodiernamente, pesquisadores cultos e honestos, descompromissados com a Teologia tradicional, relatam terem sido a concepção e o nascimento de Jesus inteiramente normais e que a transcendentalidade dos fatos tiveram origem humana, consistindo em acomodações, interpolações e alterações nos textos evangélicos. (Para melhor aprofundamento na questão, aconselhamos o leitor a leitura de “O Cristianismo: a mensagem esquecida”, de Hermínio C. Miranda, de nossa Casa Editora O Clarim).

O importante é nos preocuparmos com a profunda e importante mensagem que nos deixou o Mestre; inclusive, tendo Ele exemplificado todos os Seus ensinamentos.

A Sua presença entre nós foi tão importante que a história da humanidade está dividida em antes e depois de Sua estada na Terra.

Amou a todos. Foi o maior psicólogo, o maior filósofo de todos os tempos. Em apenas um ensinamento: “Vinde, benditos de meu Pai! entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era forasteiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e fostes ver-me”, Jesus põe por terra qualquer sacramento, liturgia ou seita religiosa: são declarados salvos ou eleitos aqueles que O servem na pessoa do próximo. Não faz alusão a nenhum plano especial de salvação a não ser o do amor em ação.

“Ele era sozinho. Sozinho anunciou e sozinho sofreu.

“Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade, con-verteu-se em Eterna ressurreição.

“É pela graça do amor que o Mestre persiste conosco, os mendigos dos milênios, derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

“Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

“Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo. Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar”. (Psicografia de Chico Xavier e autoria do espírito Francisco)

É importante frisarmos que Jesus, em Sua época, não podia ministrar ensinamentos mais profundos, devido ao então atraso intelectual e evolutivo da humanidade. Ele dizia: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora” (João **16:12**). Contudo, Ele nos dá uma esperança. Através das vidas sucessivas (reencarnação),

proporcionando-nos uma evolução lenta e gradativa, teríamos no futuro a chance de viver em um tempo propício a grande voo intelectual e Suas lições mais difíceis seriam entendidas - ^{tt}... quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as cousas que hão de vir.” (João **16:13**)

“Estas cousas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora quando não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai.” (João **16:25**)

O Mestre é enfático na declaração de que mandaria um mensageiro, o Consolador ou Espírito da Verdade, em seu nome: “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinara todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”. (João **14:26**) Através do fenômeno mediúnico, essa falange de espíritos, referida por Jesus como “Espírito da Verdade”, vem reinstaurar o cristianismo, trazê-lo à sua forma original, sem o dedo do homem a macular a mensagem redentora do Mestre dos mestres. Surge, então, o Espiritismo, que redivulga os ensinamentos do Cristo, em sua pureza e autenticidade, dando seus braços à Ciência e à Filosofia, constituindo uma doutrina religiosa ligada à razão e ao bom senso, própria da época em que vivemos, onde impera o conhecimento intelectual, favorecendo a queda do dogmatismo e o fortalecimento das idéias, frutos do raciocínio e do estabelecimento das relações lógicas.

Vem a doutrina espírita, com seus postulados éticos de transformação moral do homem, reforçar a máxima do amor para com todas as criaturas, ensinada e exemplificada pelo Mestre, dando ênfase ao “Fora da caridade não há salvação”.

O espiritismo, dando a conhecer a Lei de Causa e Efeito, tão bem citada no Evangelho, nos dá responsabilidade. Somos responsáveis por tudo que logramos criar, vivendo agora em decorrência do ontem e preparando-nos para um despertar bom ou ruim, dependendo do nosso procedimento hoje.

Inteligentemente, como de hábito, Allan Kardec perguntou aos mensageiros do Consolador: “Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? A resposta veio incisiva: “Jesus” (Questão **625** de “O Livro dos Espíritos”).

Na resposta da pergunta **627**, da mesma obra, os arautos da Espiritualidade esclarecem estar incumbidos de preparar o reino do bem que o Mestre anunciou.

Não há dúvidas, Jesus prometera não nos deixar órfãos (João **14:18**) e retoma, representado por falanges de emissários espirituais, que vêm reafirmar o que o Mestre dos mestres ensinou.

Capítulo IV O Espírito Santo

Mais uma vez o homem adultera a “palavra de Deus” com sua intromissão, cometendo erros grosseiros na tradução e acrescentando palavras nas Escrituras.

Conforme ressaltamos, nas páginas **30 e 31**» diz Léon Denis, em sua obra “Cristianismo e Espiritismo”: “Depois da proclamação da divindade do Cristo, no século IV e depois da introdução, no sistema eclesiástico, do dogma da Trindade, no século VII, muitas passagens do Novo Testamento foram modificadas, a fim de que exprimissem as novas doutrinas”. Dá o exemplo da Primeira Espístola de João, capítulo cinco, versículo sete, onde as palavras dentro de colchetes foram enxertadas. É importante ressaltar que, na versão de João Ferreira de Almeida, ano de **1952**, sequer consta os colchetes. Léon Denis reforça sua afirmação, citando Leblois, pastor de Strasburgo em sua obra “As Bíblias e os Iniciadores Religiosos da Humanidade”: “Vimos, diz Leblois, na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda”. Essa afirmação, tão importante e tão séria, foi feita por um ministro protestante, Rev. Leblois.

O confrade espírita Cairbar Schutel, profundo conhecedor das Escrituras, afirmou: “Na língua filosófica grega, a palavra espírito (pneuma) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada do corpo carnal.

“O papa Damasso confiou a S. Jerônimo, em **384**, a missão de redigir uma tradução latina do Antigo e Novo Testamento.

“Esta palavra “pneuma”, S. Jerônimo traduziu – a como “spiritus” reconhecendo com os Evangelistas que há bons e maus.

“Só depois é que surgiu a idéia de divinizar os Espíritos e só depois da Vulgata é que a palavra “sanctus” foi constantemente ligada à palavra “spiritus”. Não há dúvida de que a Bíblia, em certos casos, fala do Espírito Santo, mas sempre no sentido familiar do Espírito ligado a uma pessoa. Assim, no Antigo Testamento (Daniel, capítulo **13:45**): “O Senhor suscitou o Espírito Santo de um moço chamado Daniel”.

“É conveniente declarar que, em certas Bíblias, não se encontra este capítulo, que talvez o interesse obrigasse a suprimir, – em outros ainda ele figura à parte sob o título de História de Suzana” (“Espiritismo e Protestantismo”).

Pastorino, conhecedor das Escrituras, nas letras gregas, ensina que a expressão “Espírito Santo”, na maioria das vezes, não é precedida por artigo definido. Afirma haver erro nas traduções correntes, já que o certo é a afirmação: “Um espírito santo” ou “um santo espírito”. Vejamos alguns exemplos:

1 – Pastorino cita o cântico de Zacarias (Lc. **1:67**): “Zacarias, seu pai, ficou cheio de um

espírito santo e profetizou...” (“Sabedoria do Evangelho”, 1^o volume, pág. 49). Estudando o texto com lógica, constatamos um fato autenticamente comprovado no Espiritismo: um espírito vindo de Deus (ver Jó 4:15), portanto Santo ou bom, comunica-se através do intermediário ou médium (em grego, profeta) Zacarias. É claro que estamos diante da mediunidade psicofônica, em que o espírito fala através do aparelho vocal do médium ou da ‘boca dos seus santos profetas’” (Lc. 1:70).

A mediunidade psicofônica é encontrada com grande detalhe e riqueza, em Atos dos Apóstolos, capítulo dois, acontecendo no dia de Pentecostes;

2-Na predição do nascimento de João Batista, Pastorino traduz o versículo quinze, do capítulo primeiro de Lucas: “porque ele será grande diante do Senhor e não beberá vinho nem bebida forte; já desde o ventre de sua mãe será cheio de um espírito santo” (o grifo é nosso). Diz Pastorino, textualmente: “verificamos que o anjo ou espírito Gabriel afirma a Zacarias que João é um “espírito já santificado”, mesmo antes de nascer. Após dar-se a concepção, ainda no ventre materno, ele (o homem) estará cheio (vivificado) por um espírito que é santo. Note-se que no original grego não há artigo, o que demonstra a indeterminação: “Um espírito Santo”, e não “O Espírito Santo”. (“Sabedoria do Evangelho”, 1^o volume, pgs. 30 e 31)

Realmente, o espírito João Batista, já santo ou bom, mesmo antes de reencarnar, era “o maior entre os nascidos de mulher” (Mt. 11:11)*. Lembramos que o espírito do Precursor foi “enviado por Deus” e, portanto, já existia antes do seu nascimento como João Batista.

* Nota: Jesus refere-se a João Batista como “o maior entre os nascidos de mulher”, isto é, dentre os que ainda necessitavam de encarnação na Terra, o Precursor era o mais evoluído na época,

O Mestre intitulou-se como **1**Filho do Homem”, exatamente um ser que já vencera o mundo de carne e não precisava encarnar em nosso orbe, só o fazendo por amor à humanidade.

Vê, caro leitor, a diferença entre a doutrina espírita e as religiões tradicionais? O espiritismo é calcado na razão. Os católicos e protestantes creem em preceitos humanos e não divinos. Daí o motivo de chamarmos a crença evangélica de “romano-protestante”, já que o protestantismo albergou para si vários dogmas, criados pelo sacerdócio romano, um dos quais estamos agora estudando, considerado o “Mistério da Santíssima Trindade”;

3-Na visita de Maria a Isabel, narrada por Lucas, no primeiro capítulo, encontramos o seguinte texto, traduzido por Pastorino: “Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança deu saltos no ventre dela, e Isabel ficou cheia de um espírito santo” (versículo 41). Pastorino relata: “Isabel ficou cheia de um espírito santo. Novamente sem artigo. Repisamos: a língua grega não possuía artigos indefinidos. Quando a palavra era determinada, empregava-se o artigo definido “ho, he, to”. Quando era indeterminada (caso em que nós empregamos o artigo indefinido), o grego deixava a palavra sem artigo. Então, quando não

aparece em grego o artigo, temos que colocar, em português, o artigo indefinido: UM espírito santo, e nunca traduzir com o definido: O espírito Santo” (“Sabedoria do Evangelho”, volume 1, pgs. 42 e 43).

Continuemos com o estudo dos versículos seguintes, segundo Pastorino: “e exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! Como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor?” (Lc. 1: 42-43).

Pastorino, a seguir, esclarece: “Isabel levanta a voz gritando, o que evidencia não ser ela mesma quem fala; se o fora, falaria com sua voz normal”. Certamente, ela estava incorporada por um bom ou santo espírito. Aí está mais uma vez a mediunidade de incorporação ou psicofonia nos Evangelhos. Será que os crentes mais ignorantes afirmariam ser esses fenômenos de origem satânica?

Prezado leitor, já pensou, alguma vez, na Bíblia constar a mediunidade? Pois podemos afirmar-lhe que o “Livro dos Livros” é totalmente constituído de efeitos mediúnicos ou paranormais.

No “Dicionário da Bíblia”, de John Davis, encontramos a seguinte anotação, na palavra Patriarca: “Nome que se dá ao chefe de uma raça... O chefe de cada família que se formava pela extensão da tribo, exercia iguais funções dentro de sua esfera. A dispensação patriarcal vigorou antes do estabelecimento da teocracia no Sinai, quando todos os chefes de família e cada um deles era sacerdote de sua própria casa, com quem Deus se comunicava”. (O grifo é nosso)

A respeito da mediunidade no Antigo Testamento, Estevão, em seu discurso, citado em livro dos Atos (capítulo 7:43), afirmou: “Vós que recebestes a Lei por ministério de anjos” (mensageiros), isto é, por intermédio de espíritos.

Continuemos com Pastorino: “Que espírito se incorporaria mais naturalmente em Isabel nessa circunstância? Dada a grande evolução espiritual de Elias, era-lhe possível manter a consciência desperta mesmo durante a formação de seu corpo físico no ventre de Isabel. E incorporar-se nela não lhe trazia nenhuma dificuldade, pois ela já lhe estava servindo de médium de materialização de seu veículo físico denso”.

“Ora, o espírito Elias sabia de tudo o que estava ocorrendo, e tinha visão espiritual ampla, ao passo que Isabel não podia, humanamente, descobrir a gravidez de Maria, que não tinha nem um mês, e portanto não aparecia externamente”. Continua Pastorino: “É mais simples e natural a explicação da incorporação de Elias (confessada pelo evangelista, quando diz “ficou cheia de um espírito Santo”), do que termos que recorrer a revelações divinas excepcionais e a milagres. Falamos aqui em espírito Elias, e não “João Batista” porque, na realidade, esse espírito ainda não assumira a nova personalidade de João, pelo novo nascimento: e Gabriel, ao falar a Zacarias, diz claramente “irá com o espírito DE ELIAS” (versículo 16).

“O espírito Elias, conhecedor dos fatos, saúda Maria como 'bendita entre as mulheres', e acrescenta: 'bendito é o fruto que está em teu ventre'. Depois, numa exclamação de suprema alegria, reconhecendo o espírito de Yahweh, encarnado no ventre de Maria, tem aquela pergunta que revela sua humildade, e também o reconhecimento do Deus de Israel: 'como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor?'

“Isabel, consciente das palavras que tinham sido ditas por sua boca, comenta o fato, dizendo que, logo que ouviu a voz de Maria, a criança deu saltos de alegria em seu ventre. E conclui, abençoando Maria, porque nela se cumpriram as promessas antigas de Yahweh...” (“Sabedoria do Evangelho”).

“Blasfêmia contra o Espírito Santo” (Mc. **3:28-29**; Mt. **12:31-32**) – aqui se encontra o termo “O Espírito Santo” com artigo definido.

Há necessidade de um estudo mais apurado desses textos, por parte dos exegetas, porquanto muitas pessoas experimentam terríveis conflitos interiores, julgando estar blasfemando contra o Espírito Santo que, pelas traduções correntes, significa falta sem perdão, “nem neste mundo nem no porvir”.

Mais uma vez, valhamo-nos de Pastorino que traduziu estes versículos do grego: “Por isso digo-vos: “Todo erro e blasfêmia será relevado aos homens; mas a blasfêmia do Espírito não será relevada. E quem profira um ensino contra o filho do homem Ihe será relevado, mas o que diga contra o Espírito Santo não Ihe será relevado nem neste ciclo nem no vindouro” (Mt. **12:31-32**). “Em verdade vos digo, que serão relevados aos filhos dos homens todos os erros e palavras más que profiram. Mas quem falar mal contra o Espírito, o Santo, não tem resgate neste ciclo mas é réu do erro do ciclo” (Mc. **3:28-29**).

É importantíssimo frisarmos a importância de um texto ser traduzido corretamente, principalmente quando se trata de assunto espiritual. Diz Pastorino que, no versículo trinta e um, a tradução correta é: “a blasfêmia do Espírito não será relevada”, enquanto no versículo seguinte: “o que diga contra o Espírito Santo não Ihe será relevado nem neste ciclo nem no vindouro”. As traduções correntes assinalam, no versículo trinta e um: “a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada” e, no versículo seguinte, está de acordo com a tradução de Pastorino: “mas se alguém falar contra o Espírito Santo...” (“eipêi Katá tou pneumatos”). No versículo trinta e um, o texto está claro: “dé hê blasphêmía tou pneumatos”, não existe a preposição Katá, que quer dizer contra. Portanto, o certo é traduzir como a “blasfêmia do Espírito”. (“Sabedoria dos Evangelhos”, vol. **5**, pgs. **26 e 37**)- É importante esclarecermos que Jesus citou os textos acima quando foi acusado pelos fariseus de expulsar espíritos obsessores através de Beelzebul (“Senhor do fumeiro”), antagônico de Jeová. É certo que atribuíram a espíritos inferiores os atos ou ensinamentos partidos direta ou indiretamente de Deus.

Querido leitor, não é exatamente o que acontece, ainda hoje, quando pessoas ignorantes

ou de má fé acusam o espiritismo de ser doutrina maligna e suas manifestações mediúnicas de origem satânica?

O termo "Espírito Santo" compreende o Espírito de Deus em nós, a essência divina que nos dá a vida, a imagem e semelhança do Pai em suas criaturas, tudo aquilo que nos dá o caráter da divindade: "Vós sois deuses", "Eu e o Pai somos um".

Se a blasfêmia é desferida contra o "espírito santo" ou "Deus, dentro de nós", o espírito está voltando-se contra sua origem divina, negando-a, desejando permanecer estacionário na evolução espiritual. Isto acontece, fazendo propagação de ensino propositadamente errôneo ou ocultando a verdade que se divulgada é intencionalmente distorcida ou atribuindo a Espíritos malignos tudo que provém do Bem.

Obstinação consciente e deliberada do Espírito na prática do mal (Blasfêmia do Espírito), agindo contra a harmonia divina dentro de si (Blasfêmia contra o Espírito Santo).

O "Espírito Santo" dentro de nós está parcial e reversivelmente coberto pelo véu da nossa ignorância e inferioridade. À medida que vamos evoluindo, esse "Cristo Interno" vai exteriorizando-se, tomando-se visível em nós e para todos os nossos semelhantes. Em Jesus, a centelha divina ou Cristo Interno é integral.

Para os orientais o termo "Espírito Santo" se refere a "Deus em movimento".

Se realmente praticamos atos, ou proferimos palavras, que se originam de nosso interior, portanto havendo responsabilidade, e que são endereçadas contra o princípio divino que rege toda a Criação, estamos semeando dentro de nós ou carreando para nosso interior a mesma desarmonia que inflingimos a outrem. Essa desarmonia, é claro, não será relevada, nem perdoada, terá que ser expurgada de nós, em qualquer mundo, em qualquer tempo, através do amor ("cobre multidão de erros" — 1 Pe. 4:8) ou diante do sofrimento restaurador, numa encarnação expiatória, para que diante da dor possamos nos harmonizar com a Divindade em nós. Pastorino afirma: "... Os erros e blasfêmias dos "homens", isto é, das personagens, serão relevadas. Mas quando provém do âmago, do Espírito, não serão relevadas. Os erros das personagens liquidam-se nas personagens: são coisas leves, transitórias, presas a uma única encarnação, e com ela se enterram para sempre: o Espírito não os leva consigo, não os fixa em si, e não produzem carmas negativos porque, de modo geral, não prejudicam a terceiros nem trazem fixação mental danosa. É o que a teologia cataloga como "pecados veniais". Já a ação proveniente do Espírito, procedente do coração, revestido de maldade intrínseca, ou que cause prejuízos a outrem, ou que provoque fixações mentais negativas com influência nas futuras encarnações, essa não será relevada - isto é, SERÁ levada em conta - porque a Lei é inexorável, e tudo se paga até o último centil" ("Sabedoria do Evangelho", vol. 5, pg. 37).

Continuemos com o estudo: No Antigo Testamento, o termo "Espírito Santo" é citado quatro vezes. No livro de salmos encontra-se a "confissão e arrependimento" de Davi, por

ter cometido adultério com Bate-Seba. Provando que uma transgressão consciente, portanto deliberada, que parte do Espírito, vai de encontro à centelha divina ou Espírito Santo responsável por sua existência, Davi, corroborando o pensamento verdadeiro a respeito do “Espírito Santo”, declarou: “Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito” (Sl. **51:11**). No livro de Isaías há referência de que atos de rebeldia contristam o “Espírito Santo” de quem pratica a ação errada (Is. **63:10**) e, lembrando Moisés, o profeta faz a seguinte pergunta: ‘Onde está o que pôs no meio deles o seu Espírito Santo?’ (Is **63:11**) Refere-se ele exatamente ao legislador hebreu e à força superior divina ou Espírito Santo ou Cristo Interno, que habitava em Moisés, a centelha divina que lhe deu a vida.

Poderíamos também citar o capítulo treze do livro de Daniel, suprimido pela Bíblia protestante, que, no versículo quarenta e cinco, diz o seguinte: “O Senhor suscitou o Espírito Santo de um moço chamado Daniel”. O verbo suscitar, quer dizer, fazer nascer ou fazer aparecer, mostrando-nos a criação do Espírito Daniel, trazendo em seu interior o “Espírito Santo” ou energia divina, responsável por sua existência.

Se aceitarmos o termo “Espírito Santo”, segundo o dogma da Trindade, estaremos indo de encontro à Bíblia, porquanto, no Novo Testamento, está bem claro que o Espírito Santo não fora dado aos homens antes da glorificação do Cristo (Jo. **7:39**). Além de tudo, disse Jesus: “Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei” (Jo. **16:7**).

Perguntaríamos, então, a um prezado irmão católico ou protestante, baseando-nos no literalismo mais radical das Escrituras: O Espírito Santo veio antes ou depois do Cristo? Se veio antes, por que se afirma ser ele o Consolador prometido por Jesus a seus discípulos, portanto “não fora dado aos homens antes da glorificação do Cristo?” Se veio depois, por que a ele são feitas referências no Antigo Testamento?

Vê, meu irmão leitor, a diferença que existe. O termo “O Espírito Santo”, com artigo definido, compreendido na Bíblia, antes da glorificação do Mestre, quer dizer, o espírito divino que todas as criaturas possuem em seu interior, é Deus em nós, dando-nos a existência, o SER. O Espírito Santo ou Consolador já corresponde a outra coisa. Vejamos o que diz o Mestre a respeito disso: “Tenho ainda muito o que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da Verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as cousas que hão de vir. Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar” **Oo. 16:12-14**). (Os grifos são nossos).

Observemos bem: “porque não falará por si mesmo”. Portanto, o Espírito Santo ou Consolador não é o Deus absoluto, uma das pessoas da Trindade: “Ele não falará por si mesmo, só dirá o que tiver ouvido”. Está claro, não é Deus.

O espiritismo, última esperança do cristianismo, nos dias conturbados e agnósticos de hoje, revive a doutrina do Cristo em toda a sua pureza, sem a contaminação humana e dá a interpretação lógica e correta a respeito do Espírito Santo ou Consolador: É o nome pelo qual se designa a falange de espíritos, santificada na Luz e no Amor, missionária do Cristo, que vem ensinar todas as coisas e lembrar de tudo o que foi dito por Jesus, comunicando-se com a humanidade, através do fenômeno mediúnico.

Jesus alertou a seus discípulos que seriam “batizados no Espírito Santo”, ou seja, receberiam o dom do intercâmbio com os mensageiros espirituais do Cristo (At. 1:5); portanto, não nos deixaria órfãos” (Jo. 14:18).

Aí está o espiritismo, confirmando a profecia de Joel sobre a mediunidade: “E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões”. (Jl 2:28).

“A manifestação do Espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da Sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um variedades de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las” (1 Co. 12:7-10). (Os grifos são nossos).

Pedro, em seu discurso, afirmou: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (At. 2:33).

Terminando esse assunto, devemos dizer que o sacerdócio romano ao inventar o chamado “Mistério da Santíssima Trindade” assim o fez baseado que, no cristianismo primitivo, se aceitava a existência de um Deus único, que se manifestava de três maneiras diferentes, ao invés de dividir-se em três pessoas. Utilizaram a palavra “pessoa”, derivada do Latim “persona”, que significa máscara, forma ou aspecto, para criarem esse absurdo dogma, inconsistente nas Escrituras.

Capítulo V A Deificação de Jesus

Compulsando obras religiosas de autores, conhecedores do Grego e do Latim, que traduziram a Bíblia de textos gregos, não comprometidos com as religiões conservadoras, recebemos explicações a respeito da palavra “O Senhor”, referente a Deus, tão encontrada no Antigo Testamento. Ao lermos a Bíblia, deformada e retocada pela Vulgata e pelos Setenta, entendemos “O Senhor” como o Deus absoluto, artífice do Universo, “Causa primária de todas as coisas”.

Tudo aquilo que é tocado pelo homem tem falhas, já que somos todos sujeitos a elas. Pois, como explicarmos, baseando-nos nas traduções correntes, os seguintes versículos?

A- “Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá” (Ex. **33:20**);

B- “Ninguém jamais viu a Deus...” (Jo. **1:18**); Por outro lado:

C- “Ouvi agora as minhas palavras: se entre vós há profeta (médium), eu, o SENHOR, em visão a ele me faço conhecer, ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a fama do SENHOR...” (Nm. **12:6-8**);

D- “No ano da morte do Rei Uzias, eu vi o SENHOR assentado sobre um alto e sublime trono...” (Is. **6:1**);

E- Deus aparece a Josué (Js. **5:13**).

Para quem não conhece os textos em grego, parece haver na comparação dos mesmos um total absurdo. Acontece que traduziram por “SENHOR” as palavras Elohim, Yahweh (Jeová), Rcfaim, Shedin e El.

Começemos por Elohim. Quer dizer: espírito desencarnado. Na passagem de Samuel (**28:13**), segundo Pastorino, a médium disse a Saul: “Vejo um “Elohim” subir da terra”. Ela se referia ao espírito Samuel. Nas traduções correntes erradamente consta: “Vejo um deus que sobe da terra” (**1 Sm. 28:13**).

Pastorino e Huberto Rohden relatam que foram os “Elohim” que deram formação ao homem e não o Deus, nosso Pai, nosso Criador, citado nas traduções originadas da Vulgata e dos Setenta. Os autores acima leram o livro chamado Gênesis no Grego e no Latim. Diz Pastorino que, nessa obra, capítulo três, versículo vinte e dois, está bem caracterizada a presença dos “Elohitn”: “Então disseram os “Elohim”: ... o homem se tomou um de nós (o grifo é nosso). Continua Pastorino: “Querem atribuir a escritores antigos uma idéia moderna, plural majestático, seria anacrônico, quando, no caso, cabe perfeitamente o plural, posto que se fala dos “Elohim”.

Os “Elohim”, portanto, são espíritos desencarnados de grande evolução, que se manifestavam aos profetas (médiuns) judeus e foram encarregados dos trabalhos da Criação. Pastorino, em sua importante obra, “A Reencarnação no Antigo Testamento”, afirma: “A Bíblia, no Gênesis, diz que o mundo (a Terra) foi feita pelos ‘Elohim’. Todos os ‘Elohim’ estavam sob a direção de um Espírito-Chefe, que o Velho Testamento chama Jeová (YHVH). Este, com frequência, no Antigo Testamento, era denominado ‘A Pedra’. Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo dez, versículo quatro, diz: ‘E beberam todos da mesma bebida espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era o Cristo’” (pg. **24**).

O nosso Mestre Jesus, criador do nosso planeta, guia dos “Elohim”, é conhecido como Jeová (YAHWEH), “Deus dos israelitas”: “Eu sou YHVH, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, com o tetragrama YHVH. Pastorino diz: “se dividirmos ao meio o tetragrama

sagrado (YHVH), e no centro acrescentarmos um Schin, a leitura será exatamente o nome YEH-SH-VAH, ou seja, Jesus, em hebraico” (“Sabedoria do Evangelho”, vol. 1, Pg- 4).

“Malaquias escreveu: 'Eis que vou enviar Elias, o profeta, antes que chegue o dia de YHVH (Jesus), grande e terrível, e ele (Elias) converterá o coração dos pais aos filhos', etc. A frase seguinte é digna de nota: 'converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor Deus DELES, isto é, ao Deus Particular do povo israelita” (Pastorino, pg- 31).

Jeová, espírito construtor e criador da Terra, reencarnou em Seu planeta, com o nome de Jesus. “O profeta Isaías assim escreveu: “Em ti nascerá Jeová” (Is. 60:2) (Pastorino). “Veio para o que era seu, e os seus não o reconheceram” (Jo. 1:11). O próprio Jesus confirmou ser a encarnação de Jeová, quando se definiu: “Antes que Abraão existisse, EU SOU” (Jo. 8:58).

Certamente, muitos exegetas desconhecem todas essas coisas. Não vêem a luz que fulgura e estava há tanto tempo escondida pelo véu da letra. Assim, aceitamos a Bíblia com os olhos da verdade. Comparando Ex. 33:20 e Jo. 1:18 com Nm. 12:6-8 e Js. 5:13, parecia existir discrepância, baseando-nos nas traduções inexatas das Escrituras. Agora, com o conhecimento da verdade, sabemos que, quando se trata de Deus, o ABSOLUTO, sem forma, jamais criatura alguma poderá vê-lo (Ex. 33:20 e Jo. 1:18). Mas com YHVH (Jeová ou Jesus) é diferente: Ele aparecia a Moisés, claramente, como está escrito em Nm. 12:6-8; foi visto, com certeza, pelo sucessor de Moisés Os. 15:13) e por Isaías, segundo a declaração do profeta (Is. 6:1). Pedro afirma que nos profetas do Antigo Testamento habitava o espírito do Cristo (1 Pe. 1:10-11).

Se Jeová (Jesus) era considerado Deus, mais do que justo que as religiões tradicionais declarem ser Jesus o próprio Deus. É preciso frisarmos que Cristo, quer dizer, manifestação integral de Deus em todas as criaturas; e Jesus, sendo a criatura mais perfeita em nosso planeta, tendo manifestado integralmente o Cristo, é confundido com o próprio Deus, a quem chamava de meu Pai.

A Epístola aos Hebreus é rica em ensinamentos a respeito da verdade absoluta quanto ao espírito Jesus. Esta obra cita o aperfeiçoamento (Hb. 5:9) conquistado pelo Mestre, em sua existência gloriosa na Terra, inclusive “tendo sido nomeado por Deus, sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb. 5:10). Jesus, após Sua missão redentora, tomou-se igual a Melquisedeque, que consideramos ser alguém situado em elevada hierarquia espiritual. A mesma Epístola diz ser Melquisedeque “um tipo de Cristo” (Hb. 7), o que concluímos existir uma falange de espíritos, a dos Cristos ou Cristônica, constituída de seres espirituais construtores de planetas na Casa do Pai (Universo) e que iluminaram esses mundos com seus ensinamentos e exemplos. Os pensamentos em desarmonia dos habitantes inferiores desses mundos despertam Sua compaixão, fazendo com que o construtor ou o responsável pelo planeta mergulhe em sua psicofera, numa encarnação de grande

sacrifício, e purifique a aura desse mundo e de todos os habitantes que se aproximem Dele.

Isaías, em indiscutível inspiração, afirmou: “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is. **53:4-5**). Não foi a “ira de Deus” que se abateu sobre Ele, foi, por assim dizer, o Carma coletivo da nossa pobre humanidade. Ele veio para servir de exemplo, diante da angústia e do medo, ensinando-nos como superar o “Getsêmani” dentro de nós, como também revelar a fortaleza necessária, quando nos defrontamos com a dor e o sofrimento, vivenciando o “Gólgota” em nós.

Ele é realmente o caminho, a verdade e a vida. Buscando-lhe a intimidade sublime, estaremos aptos a negar a nós mesmos, isto é, fazermos uma auto-análise e iniciarmos uma guerra contra a nossa inferioridade; carregar a nossa própria cruz, vivenciando todos os nossos atos e pensamentos malfazejos e seguir verdadeiramente o Cristo, deixando exteriorizar-se em toda a plenitude a centelha divina que nos dá a vida.

Ele veio mostrar-nos o caminho, mas de maneira nenhuma carrega a nossa própria cruz. Essa tem que ser levada por nós mesmos (enfermidade, paralisias, deformações físicas, disfunções sexuais, sofrimentos de todos os matizes, etc).

Jesus veio, principalmente, como instrutor da humanidade e um dos seus maiores ensinamentos consistiu em revelar o Criador, (“Meu Pai”), a todas as criaturas, porquanto a manifestação divina no Mestre foi completa.

Novamente nos socorremos de Pastorino, dando-nos o seguinte ensino, na obra “Sabedoria do Evangelho”: “Na realidade, em relação a nós tão pequenos e imperfeitos, a manifestação divina em Jesus foi total, e bem pode Ele ser dito Deus (embora não em sentido absoluto). Da mesma forma que podemos dizer que o reflexo do sol num espelho de cristal puríssimo seja O SOL; ou que a música reproduzida por ótimo aparelho de rádio ou de vitrola, seja A ORQUESTRA. Nesse sentido, Jesus é indubitavelmente Deus, porque “Nele reside a PLENITUDE DA DIVINDADE” (Cl. **2:9**). Entretanto, TODAS AS CRIATURAS também têm em si essa mesma plenitude (“da PLENITUDE DELE TODOS NÓS RECEBEMOS”, Jo. **1:16**), apesar de não a manifestarem por causa das próprias deficiências e defeitos. Foi nesse sentido que Jesus pôde confirmar o Salmista (Sl. **82:6**) e dizer: “Vós sois deuses” (Jo. **10:35**), da mesma forma que podemos afirmar que cada pequenino reflexo do sol num espelho é o SOL; embora em sentido relativo, já que o sol, em sentido absoluto, é UM SÓ, se bem que esteja manifestado integral e plenamente em TODOS (**1 Co. 15:28**) e em TUDO (Ef. **4:6**)” (Os grifos são do autor, Pastorino, vol.I, pg. **15**).

Paulo, na Epístola aos Romanos, esclarece: “Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizado, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: se com ele

sufrermos, para que também com ele sejamos glorificados” (Rm. 8:14-17). Ora, somos co-herdeiros com Cristo. Co-herdar, quer dizer, herdar em comum. Portanto, estamos na condição de filhos de Deus e irmãos de Jesus. Bem caracterizada a dualidade de pessoas. Porém, através de preceitos humanos, criando dogmas que são aceitos servilmente pelas pessoas, caracterizando a fé cega de que são portadoras, apareceu o dogma romano da “Santíssima Trindade”, pelo qual Jesus foi deificado. Os adeptos da religião romana e romano-evangélica aceitam esse “artigo de fé” e os porta-vozes dessas religiões, padres e pastores, o propagam e, sectários, fazem questão da deificação de Jesus. O Espiritismo não o sanciona e veremos a seguir o porquê: não há igualdade absoluta entre Deus e Jesus. Constatamos uma dualidade de pessoas em todo o Evangelho. A seguir, exemplificamos: 1- “...Eu não vim de mim mesmo, mas foi Deus quem me enviou” (Jo. 7:42); 2- “...Este é o meu filho amado: a ele ouvi”. (Mc. 9:7); 3- Davi, referindo-se a Deus e a Jesus, como entidades diferentes, exclamou: “O Senhor disse a meu Senhor: Assenta-te à minha direita...” (Sl. 110:1); 4- “O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador...” (At. 6:30-31); 5- “Quando será o dia ninguém sabe, nem mesmo os anjos que estão nos céus, nem mesmo o Filho, mas tão somente o Pai” (Mt. 24:35-36); 6- “...Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu” (Jo. 14:28); 7- “Ninguém jamais viu a Deus. O Filho Unigénito que está no seio do Pai no-lo declara” (Jo. 1:18); 8- “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc. 23:46); 9- “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus” (Mc. 10:18); 10- “O meu ensino não é meu, e, sim, daquele que me enviou” (Jo. 7:16); 11- “Muitas cousas tenho para dizer a vosso respeito e vos julgar; porém aquele que me enviou é verdadeiro, de modo que as cousas que dele tenho ouvido, essas digo ao mundo” (Jo. 8:26); 12- “Estou convosco por algum tempo e vou para aquele que me enviou” (Jo. 7:33); 13- “Por mim mesmo nada posso fazer, julgo conforme entendo e meu juízo é justo, porque não me levo pela minha vontade, mas pela d’Aquele que me enviou” (Jo. 5:30); 14- “...Somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo...” (Rm. 8:17).

Complementando o pensamento de Cairbar Schutel, em sua obra “Espiritismo e Protestantismo”, diríamos: “Desde que Jesus diz enfaticamente que não veio de modo próprio; que não fala por si mesmo; que volta para Aquele que o enviou; que a doutrina não é dele; que ninguém é bom, senão um só que é Deus; que ao Pai entrega o seu espírito; - finalmente, que nem ele nem os anjos do céu sabem o dia e a hora da sua volta, o único que sabe é o Pai, claro está que ele não é esse Pai, naturalmente ninguém pode ser pai de si mesmo.”

Já tendo partido para o Além, Jesus aparece a Maria Madalena e lhe diz: “Não me toques porque ainda não subi a meu Pai, mas vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (Jo. 20:17).

O saudoso confrade Cairbar Schutel, a propósito desse assunto, disse: “As palavras de Jesus, durante a Sua vida e depois de Sua morte, acusam uma dualidade de pessoas perfeitamente destinadas ao mesmo tempo que o profundo sentimento de Sua inferioridade e de Sua subordinação com relação ao Ser Supremo.

“Sua insistência em afirmá-lo espontaneamente sem que fosse a isso constrangido ou provocado por quem quer que seja, parece ter por fim protestar antecipadamente contra o papel que Ele previa quererem um dia lhe emprestar”. (“Espiritismo e Protestantismo” pág. 129).

Querido leitor, quantos seres humanos foram anatematizados pela Igreja por não aceitarem o dogma da divindade de Jesus! Cito o sacerdote de Alexandria, Ário, excomungado pelo Concílio de Nicéias, no ano de 325, por não concordar com essa deificação do Cristo. Perguntaria a um estudioso das Escrituras: Há base bíblica nesse preceito humano?

Se o irmão responder com a afirmativa de Jesus: “Eu e o Pai Somos um” (Jo. 10:30), nós lhe diríamos que não devemos confundir a essência ou centelha divina, que nos dá a vida, que é Criação do Pai, tendo saído Dele, com o próprio Criador. É claro que todos nós somos um com o Pai, porquanto Dele fomos criados. Para que não houvesse confusão em relação a isso, Jesus confirmou as Antigas Escrituras, através de Salmos 82:6, dizendo: “Vós sois deuses” (Jo. 10:35). O Gênesis revela que fomos criados à imagem e semelhança do Pai (Gn. 1:26). Aliás, a frase do Cristo, a que me refiro, é profundamente dialética. Observe: Para que eu diga, por exemplo, eu e meu filho somos um, é necessário, ipso facto, que eu seja eu e ele seja ele, do contrário a frase seria: eu sou André, e não, eu e André somos um. Note que, na oração sacerdotal, Jesus pede ao Pai que permita que Ele, Jesus, seus discípulos e o Pai sejam um (Jo. 17:21). Pretenderão as Igrejas tradicionais que, em virtude dessa frase, Jesus tenha querido acrescentar à Trindade mais doze pessoas?

Se o prezado irmão afirmar que o texto: “Antes que Abraão existisse, eu Sou” (Jo. 8:58) prova a divindade de Jesus, nós lhe asseguraríamos que essa afirmação do Mestre prova ser Ele a encarnação de Jeová, “deus dos israelitas”, aparecido tantas vezes na Bíblia e totalmente desconhecido de alguns protestantes e dos judeus em sua totalidade, que o confundem com o próprio Deus Absoluto. Antes que o mundo (a Terra) existisse, Jesus já existia, visto que Ele 70 foi o criador do planeta, conforme está assinalado, no evangelho de João, cap. I, vers. 10: “... o mundo foi feito por intermédio dele*. Portanto, quando a personalidade Abraão apareceu, em nosso mundo, Jesus já era o Cristo. Lembre-se que João Batista afirmou: ‘O que vem depois de mim é maior do que eu, porque existia antes de

mim” (Jo. **1:15**). “...Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo. **17:5**). (Os grifos são nossos).

Se o irmão em Cristo argumentar com o pensamento de João: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo. **1:14**), nós lhe explicaríamos que o Verbo de Deus é a vontade ou a palavra do Pai que se fez carne, quer dizer, manifestado à humanidade, através de Jesus. Este foi encarregado de transmitir aos homens o pensamento de Deus. Jesus veio ao mundo revelar a todas as criaturas o Pai amado, Criador de todas as coisas.

“A Gênese” diz ser Jesus, o médium de Deus, o intermediário entre o Pai e seus filhos (Cap. XV, pg. **311**, FEB).

Allan Kardec afirma em “Obras Póstumas”: “Jesus podia, pois, ter sido encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser o próprio Deus, como um embaixador transmite as palavras do seu soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, Ele fala pela boca do seu enviado, o que nada tira à autoridade das suas palavras”.

Disse Jesus: “Quem crê em mim, crê, não em mim, mas naquele que me enviou” (Jo. **12:44**); “Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar” (Jo. **12:49**); “...As cousas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo” (Jo. **12:50**); “...Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (Jo. **20:17**).

A interferência do homem nas coisas espirituais, inventando conceitos, sem base segura, é responsável pela existência de grande número de incrédulos que, por raciocinarem, não aceitam esse “Deus”, desumano e irascível, que ainda por cima é constituído de “Pai, Filho e Espírito Santo”. Para que complicar uma coisa tão simples?

Como é difícil aceitarmos a não deificação de Jesus, quando desde criança nos forçaram a aceitá-la.

Diz Pastorino: “Por causa da aproximação do versículo um com o quatorze, do capítulo primeiro de João, houve confusão e acreditou-se que o verbo era o filho, não se reparando na contradição dos termos: Verbo é palavra ativa, ao passo que Filho é a palavra passiva. Verbo é o Criador, Filho é o Criado”. (Sabedoria do Evangelho, vol. **1**, pg. **2**)

Além de “Elohim” e “YHVH”, são encontrados no Antigo Testamento as palavras “Refaim” e “Shedin”, todas traduzidas erroneamente por ‘O Senhor’. Explica-nos, novamente, Pastorino, na obra “A Reencamação no Antigo Testamento”, pgs. **25** a **27**, que “Refaim” são espíritos inferiores, citados como habitantes do Hades ou Sheol (Umbral, segundo o Espiritismo) e encontrados em diversas passagens do Antigo Testamento. “Shedin” são espíritos mais inferiores. Daí, certamente, a explicação para alguns textos incríveis do Antigo Testamento em que, segundo as traduções correntes, Deus mandava matar os inimigos do povo judaico. Imagine, querido leitor, Deus que é amor, infringindo

seu próprio mandamento: “não matarás” (Ex. **20:13**).

Agora, pelo estudo da Bíblia “em espírito e em verdade”, sabe-se que “o Senhor”, citado nessas passagens, não é Deus, a “Mente Racional Infinita e Incrriada”, e sim espíritos apegados às tradições e costumes judaicos que se comunicavam com os homens, através do mecanismo mediúnico e exortava-os à guerra e à matança.

Para terminarmos esse assunto, citamos um texto, estudado por Pastorino, em que estão reunidas todas as denominações traduzidas como Deus (apenas falta “Refaim”): “Imolaramaos “Shedin” e não a Eloha (singular de Elohim), a Elohim desconhecidos, novos, aparecidos há pouco, não temidos por vossos pais. Olvidaste a rocha que te gerou, e esqueceste a El, que te deu o ser. Viu isto YHVH e os desprezou, enjojado pelos filhos e pelas filhas” (Dt. **32:17-19**). (“A Reencamação no Antigo Testamento”, pág. **28**)

O mesmo texto, segundo João Ferreira de Almeida, na edição revista e atualizada no Brasil: “Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus; a deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco dos quais não se estremeceram seus pais. Olvidaste a Rocha que te gerou; e te esqueceste do Deus que te deu o ser. Viu isto o SENHOR, e os desprezou, por causa da provocação de seus filhos e suas filhas” (Dt. **32:17-19**).

O texto traz reunidas algumas denominações já verificadas, traduzidas como Deus, como Eloha, El e YHVH. Daqui se deduz que todos esses termos, incluindo refaim, traduzem a presença de espíritos desencarnados comunicando-se com os hebreus. De forma alguma, a manifestação do próprio Criador, o “Absoluto”, “A Suprema Luz”, “Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas”.

Capítulo VI A Parábola de Adão e Eva

Encontra-se, no primeiro livro de Moisés, chamado “Gênesis”, uma parábola rica em ensinamentos a respeito da etapa inicial do desenvolvimento evolutivo do homem, tanto do ponto de vista espiritual como físico.

Um filósofo, ao se referir a esse grande acontecimento, disse que a “alma acorda no homem”, depois de ter dormido no mineral, sonhado no vegetal e se espreguiçado no animal. Após o desenvolvimento dos sentidos e dos instintos, a “centelha divina” ou “princípio espiritual”, já aprimorado dentro dos dois planos da Criação (espiritual e físico), individualizado, adquire o intelecto, “come da árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gênesis **2:17** e **3:6**).

Adão vem de Adi-aham e quer dizer primeiro ego. Trata-se, portanto, da conquista do intelecto, que permitiria ao homem a liberdade (livre- arbítrio) de construir o seu próprio caminho.

A Doutrina Espírita, em consonância com a Ciência, afirma que a espécie humana não

começou por um único homem, assim como a Terra não foi criada em seis dias. Na realidade, o mundo científico comprova que os seres vivos apareceram, em nosso planeta na mesma ordem em que diz Moisés e que os seis dias correspondem a “outros tantos períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos” (“O Livro dos Espíritos” questões **50 e 59**).

A fase em que a “alma acorda no homem” foi bem retratada no filme “**2001: Uma Odisséia no Espaço**”, quando um homem primitivo segura um osso e percebe que pode utilizá-lo como instrumento. É o despertar da consciência de si mesmo. Disse alguém que Deus criou o homem o menos possível para que ele se possa criar o mais possível. Simples e ignorante, de início, o homem parte em busca da perfeição. Através de seus próprios passos vai à procura de sua própria identidade divina. Sabe-se que Lúcifer, em sentido etimológico, significa “portador da luz” (Luci-fer).

Diz a parábola que depois de ter comido do fruto do saber intelectual, o homem foi “expulso” do Éden. Saiu do estado de natureza (Paraíso) e entra no estado de responsabilidade (Livre- arbítrio): “No suor do rosto comerás o teu pão...” (Gênesis **3:19**). Independente, autônomo, o ser terá no Universo muitas moradas, compatíveis com as vibrações e tendências de cada um.

Cada criatura contém em si o germe divino: “Não sabeis que sois santuário de Deus, e que **O** Espírito de Deus habita em vós?” (Paulo em **1 Coríntios 3:16**). Esta potencialidade tende a ser descoberta, sobrepujando a ignorância e o culto das paixões inferiores, como também exercitam- do-se na prática do amor.

Adquirindo o intelecto, o homem deixou de ser um animal irracional e passou a vislumbrar o maravilhoso, o inconstado à sua frente. Mas, ao penetrar nas profundezas do Ego, assenhoreando- se do conhecimento, o homem se considerou e se confundiu com o próprio Deus. Afastando- se do seu Criador, está caracterizado o chamado “pecado original” (erro em sua origem), o que a Teologia escolástica, apegada à “letra que mata” (**2 Coríntios 3:6**), atribuiu a Adão a causa do sofrimento dos homens. Nós sofremos porque lutamos contra o Ego que, ao mesmo tempo que nos dá a oportunidade de nos conscientizar do que somos, oferece- nos muitas oportunidades para cairmos.

O “pecado original” representa entrarmos no conhecimento do Ego _e nos afastarmos do Eu Espiritual, o que explica o motivo de tanto sofrermos.

A existência do primeiro casal humano e seu paraíso perdido é constante nas civilizações antigas. É um arquétipo da espécie humana, que necessita de uma explicação para o início de tudo. Bem antes de Moisés, na Assíria e Suméria, foi escrito o Gilgamesh, versando também a respeito da origem do homem.

Não devemos nos apegar ao literalismo da descrição da Bíblia, onde afirmações, condizentes com a época de Moisés, não têm atualmente cabimento, como: “E à mulher

disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (Gênesis 3:16).

Buscando o “espírito que testifica” (2 Coríntios 3:6) nas letras das Escrituras, entusiasma-nos com a afirmação de “querubins e espadas refulgentes guardando o caminho da árvore da vida” (Gênesis 3:24).

Como a semente que contém potencialmente a vida dentro de si, temos em nós a centelha divina, a energia do Pai em estado latente. Contudo, a semente precisa de condições propícias para que a força interior possa se exteriorizar. Temos como “temperatura e calor apropriados”, para o nosso desenvolvimento evolutivo, a vida na Terra ou em mundos afins, acompanhada das mensagens e exemplos de Espíritos que já atingiram a razão espiritual. O maior de todos os avatares, o “verbo de Deus que se fez carne” (João 1:14), Jesus, é o caminho para todos os que se acham presos ou subjugados ao intelecto conscientemente egoísta. Então, atingiremos o chamado “terceiro céu”, a Cristificação: Conhecer-se e agir como criatura realmente divina. Estaremos, assim, comendo do fruto da “árvore da vida”.

A “espada refulgente” representa as dificuldades, as lutas travadas contra nós mesmos, para granjearmos a perfeição: “Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida,..” (Mateus 7:14).

É preciso que o Ego seja canalizado para o despertar do Bem em nós. Assim sendo, estaremos comendo do fruto da “árvore da vida” e viveremos eternamente (Gênesis 3:22); isto é, não seremos mais assediados pelo remorso que parece nunca acabar – “inferno eterno” – e estaremos aptos a habitar uma nova Terra, já mundo de regeneração, e adquirir a capacidade de exalçar o grande vôo rumo às estrelas, diante da Eternidade.

Quando, em verdade, o amor imperar, dentro e fora de nós, conquistaremos, em definitivo, a cidadania do Universo sem fim.

Capítulo VJJ Psicofonia na Bíblia

A incorporação mediúcnica ou psicofonia é a faculdade pela qual o Espírito se serve dos órgãos vocais do médium para comunicar-se pela fala.

“O Livro dos Livros” é um manancial de casos de fenômenos paranormais, perfeitamente explicáveis na Doutrina Espírita. Abordaremos a mediunidade de psicofonia, apresentando alguns fatos dignos de consideração:

1 – O quarto livro de Moisés chamado Números trata no capítulo onze, versículo dezessete, do desenvolvimento mediúnico de setenta judeus, realizado pelo legislador hebreu. Está relatado: “O Espírito que estava com Moisés foi posto sobre os anciãos”. No versículo vinte e cinco observamos: “Quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram...”.

isto é, foram mediadores da comunicação do mundo espiritual com o mundo terreno.

A palavra profeta vem do grego “prophit”, que significa “através de”. Allan Kardec, em meado do século passado, denominou o intermediário de médium. Nas Escrituras, encontra-se o termo profeta, enquanto que a Parapsicologia o denomina de sensitivo.

No estudo em apreço do Antigo Testamento é relevante destacar os versículos que vêm a seguir: “Porém no arraial ficaram dois homens; um se chamava Eldade e o outro, Medade. Repousou sobre eles o Espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda; e profetizavam no arraial. Então correu um moço, e o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus escolhidos, respondeu, e disse: Moisés, meu senhor, proíbe-lho. Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!” (Números **11:26-29**). (Vide Cap. IX)

Está bem claro que dois varões, Eldade e Medade, espontaneamente foram mediunizados e de forma súbita, desde que estavam no arraial e fora da corrente mediúnica da reunião, composta pelos setenta idosos e presidida certamente por Moisés.

Evidentemente, irmãos situados em faixas evolutivas nas quais não sentem necessidade de especulações no campo religioso, contentando-se com os preceitos vigentes e não se atrevendo a investigações mais além, objetarão que os profetas tenham servido de intérpretes de espíritos.

Para esclarecer bem a questão, enfatizamos, como exemplo, trechos do Novo Testamento, em que se afirma que o “espírito de Jesus estava com os profetas” Cl Pedro **1:11**); “a palavra de Deus foi trazida por anjos” ou mensageiros espirituais (Atos **7:53**) e “ninguém jamais viu a Deus” (João **1:18**).

Estas afirmações nos fazem reconhecer que os chamados profetas não tiveram contato direto com Deus e, sim, com Jesus e Seus enviados;

2 – Outro caso de psicofonia, digno de ser referido, aconteceu com os discípulos, no dia de Pentecostes. Trata-se do fenômeno mediúnico mais marcante e extraordinário, encontrado na Bíblia.

Através da mediunidade da incorporação foi inaugurada a fase áurea do Cristianismo, o início patente da expansão da doutrina cristã.

Os apóstolos, até então indecisos e inseguros quanto à missão que tinham a desempenhar, foram, de repente, protagonistas de uma verdadeira revolução espiritual.

O intercâmbio mediúnico se revelou de grande intensidade, com os discípulos, mediunizados, falando línguas estrangeiras – fato conhecido no Espiritismo e denominado de Xenoglossia – para a multidão de judeus estrangeiros que estava em Jerusalém.

Os hebreus ouviram os apóstolos que se expressavam no seu próprio idioma, deixando-os perplexos, proporcionando-lhes a oportunidade de presenciar um fato singular que ensejou

a conversão de três mil pessoas (Atos **2:1-41**).

Depois daquele momento os discípulos foram possuídos por uma estranha coragem que lhes permitiu proclamar o Evangelho por toda a parte, enfrentando com galhardia a prisão, os açoites, a espada e a cruz.

“Pentecostes transcendeu à simples incorporação mediúnica. Significou a iluminação interior dos primeiros cristãos. O Mestre que outrora estava com eles, a partir do Pentecostes passou a estar neles” (Luiz Antônio Millecco Filho).

Esclarecemos que a revelação espiritual – “derramamento do Espírito Santo” (Atos dos Apóstolos, capítulo **2**) – , sob a égide do Cristo, foi constante no cristianismo primitivo. Alguns séculos mais tarde, a manifestação espiritual foi obstada provisoriamente, devido a interesses subalternos do homem. Contudo, em meados do século passado, com maior pujança, a mediunidade ressurgiu, tomando grande vulto, tendo sido investigada e comprovada por inúmeros homens de ciência. Um deles, o insigne missionário de Jesus, Allan Kardec, dialoga com os arautos do Cristo que constituem a falange do “Consolador” ou “Espírito da Verdade”, verificando que as mensagens tinham como finalidade principal reviver a Doutrina Cristã como nos tempos iniciais, quando as comunicações com os espíritos eram realizadas com grande ênfase e produtividade;

3 – O saudoso professor de Latim e Grego da Universidade de Brasília, Carlos Torres Pastorino, traduzindo o Novo Testamento do grego, ensinava que a expressão “Espírito Santo”, em sua grande maioria, não é precedida, no original, por artigo definido. Afirmava haver erro nas traduções correntes, já que o certo é a afirmação: “um Espírito santo” ou “um santo Espírito” (Ver cap. IV).

Pastorino cita, em sua excelente obra “Sabedoria do Evangelho”, o cântico de Zacarias, pai de João Batista: “Zacarias ficou cheio de um Espírito santo e profetizou...” (Lucas **1:67**). Estudando o texto com lógica, constatamos um fato autenticamente comprovado no Espiritismo: um Espírito vindo de Deus, portanto santo ou bom, comunica-se através do médium ou profeta Zacarias. Novamente estamos diante da mediunidade psicofônica, em que a Entidade Espiritual fala através do aparelho vocal do medianeiro ou da “boca dos seus santos profetas” (Lucas **1:70**).

Outro exemplo de incorporação mediúnica no Evangelho verifica-se no encontro de Maria com Isabel, mãe de João Batista: “Apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança deu saltos no seu ventre, e Isabel ficou cheia de “um Espírito santo” e exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! Como é que me vem visitar a mãe de meu Senhor?” (Lucas **1:42-43**)

Mais uma vez recorreremos à tradução de Pastorino que também asseverou: “Isabel levanta a voz gritando, o que evidencia não ser ela mesma quem fala; se o fora, falaria com sua voz normal”;

4–Atendendo à recomendação expressa do plano espiritual (Atos **10:20**), Pedro foi à casa do centurião Comélio da “coorte chamada a italiana”. Lá chegando, o romano lhe fala da visão que presenciara (Atos **10:30-32**). De imediato, o discípulo pôs-se a falar do Evangelho. Nesse momento, cai sobre o comandante de milícia e seus três servos o “Espírito Santo”, ou seja, foram “possuídos” por Espíritos Superiores, surgindo de imediato o fenômeno da psicofonia (Atos **10:44**).

O episódio narrado do acometimento mediúnico dos servos é muito importante porquanto vem confirmar a mensagem espiritual recebida pelo profeta Joel: “E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias” (Cap. **2** vers. **28-29**).

O texto é bem transparente, pois não é necessário desfrutar boa posição social e possuir títulos escolares para ser médium. No Brasil, temos os exemplos marcantes de Ana Prado, Peixotinho e Chico Xavier. Na Itália, Eusápia Paladino, famosa sensitiva de efeitos físicos, era uma simples camponesa analfabeta.

Ressaltamos que Comélio e seus servos não eram judeus e tampouco circuncidados. Contudo, foram agraciados pela presença da Espiritualidade Superior – “Um Espírito Santo” –, cujo fato põe por terra o antigo preconceito de que os hebreus eram o único povo a merecer os favores divinos;

5–O evangelista Lucas narra um caso de psicofonia assaz interessante. Relata que Paulo, saindo da cidade de Filipos, dirigiu-se para um lugar de oração, junto a um rio, e deparou-se com uma mulher portadora de sensibilidade paranormal: “Era uma jovem possesa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando dava grande lucro aos seus senhores” (Atos dos Apóstolos **16:16**).

Aqui estamos diante de um caso de mediunismo, severamente repellido pela Doutrina Espírita, já que os médiuns espíritas seguem a recomendação de Jesus: “Dai de graça, o que de graça recebestes” (Mateus **10:8**). Portanto, no Espiritismo, não há mercantilização da mediunidade.

A sensitiva, seguindo a Paulo e demais companheiros, em processo mediúnico de psicofonia, tomada por uma entidade ainda não esclarecida, clamava: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação”. O fato se repetia diariamente (Atos **16:17**).

Como é importante o estudo da doutrina espírita, já que a mediunidade, encontrada em todas as religiões, é conhecida com minúcias pelos que trilham o caminho da Terceira Revelação Divina à humanidade ou espiritismo.

O discípulo João faz uma recomendação, acatada fielmente pelos seguidores da seara espírita: “Amados, não deis crédito a qualquer espírito: antes, provai os espíritos se

procedem de Deus...” (1 João 4:1). É conhecido dos espíritas a presença de entidades mistificadoras, os “falsos profetas”, que se passam por espíritos de luz e, na realidade, são seres ainda inferiores, tentando iludir as pessoas.

O processo da mistificação foi largamente relacionado e estudado exhaustivamente por Allan Kardec. As obras da codificação espírita contêm inúmeras referências ao assunto e todos aqueles que possuem conhecimentos doutrinários já estão alertas contra essa cilada das sombras.

Paulo, indignado, dirige-se ao espírito trevoso, incorporado na jovem, dizendo: “Em nome de Jesus Cristo eu te mando: Retira-te dela”. E, no mesmo instante, saiu (Atos dos Apóstolos 16:18).

Mais uma vez se constata a fragilidade das trevas diante da luz. Certa feita, uma entidade espiritual deixou-nos o seguinte ensinamento: “Por maior que seja a escuridão, basta que acendamos um pequeno facho de luz e as trevas deixam de existir”. A força do mal se toma grande quando, em nossa invigilância, cedemos terreno, alimentando a chama do aparente inimigo com o combustível do desmazelo, do descuido, da ausência de moral.

Sofre intensamente o indivíduo, portador de faculdades medianímicas, que não sabe separar o joio do trigo, que se deixa assenhorear pelas malhas do fanatismo, ceifado por cruel obsessão.

Mais uma vez a Doutrina Espírita recebe o respaldo do “Novo Testamento”, ratificando os ensinamentos recebidos dos espíritos superiores por Allan Kardec;

6 - Outros casos de psicofonia surgem também em Atos dos Apóstolos. Novamente, o discípulo dos gentios, Paulo, é protagonista de um fato singular, já que, se encontrando em Éfeso, ao ministrar *passes* (“imposição das mãos”) sobre doze pessoas, fez com que recebessem a graça do fenômeno mediúnico de incorporação ou psicofonia: “falavam em línguas (xenoglossia) como profetizavam” (Atos 19:6).

Depois vem o relato de que sete filhos do sumo sacerdote Ceva, conhecidos como exorcistas ambulantes, “tentaram invocar o nome do Senhor sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega” (Atos 19:13).

Através do fenômeno mediúnico da psicofonia, a entidade inferior comunicou-se com os pseudo-exorcistas, exclamando: “Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” De imediato, o possesso saltou sobre eles, que, desnudos e feridos, fugiram (Atos 19:15-16).

Muitos exemplos de incorporação mediúnica no Novo Testamento poderiam, ainda, ser citados, principalmente envolvendo médiuns portadores da obsessão (assédio de espíritos inferiores).

Verdadeiramente, a Bíblia contém uma infinidade de fenômenos mediúnicos e o espiritismo, como “Terceira Revelação da Lei Divina”, representando o “Consolador” do Cristo, aliando ciência e religião, estuda-os proficuamente e pratica-os, visando o amor ao

próximo, ensinado pelo Mestre Jesus.

Referendamos as palavras de um Espírito israelita, retirado de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: “Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá”.

Capítulo VJJJ Materialização no Novo Testamento

A materialização de Espíritos é um dos mais expressivos fenômenos mediúnicos, de vez que a entidade luminosa pode ser vista pelos componentes da reunião.

A ciência teve a oportunidade de estudar e confirmar diversos casos de ectoplasma. Cientistas como Paul Gieber, Ernesto Bozzano, Aksakof, Florence Marryat, William Crookes e muitos outros atestaram a veracidade do fato mediúnico.

De todos os casos de materialização, pesquisados e observados pelos investigadores citados, o mais importante e extraordinário foi o do espírito Katie King. É relevante destacar ter sido a ectoplasma comprovada durante anos, pelo professor William Crookes, Prêmio Nobel de Química (1907), considerado, na sua época, um dos três maiores sábios da Inglaterra.

Crookes pesquisou, em sua própria residência, a mediunidade de efeitos físicos da médium Florence Cook, submetendo-a a diversas experiências, constituindo as suas observações irrefragáveis demonstrações da imortalidade da alma.

No Brasil, Ranieri foi testemunha da aparição de diversos espíritos, através da faculdade mediúnica de Peixotinho. O livro “Materializações Luminosas”, publicado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo, é fonte inesgotável de exemplos evidentes e comprobatórios do fato em tela.

A mediunidade de materialização permite aos desencarnados combinar os fluidos do seu perispírito ou corpo espiritual com o ectoplasma do médium, de maneira a se fazerem visíveis e tangíveis a qualquer pessoa por tempo mais ou menos longo.

O Novo Testamento relata uma impressionante ocorrência de fatos paranormais, sob a égide de Jesus, realizado em um alto monte. O Mestre levou consigo Pedro, Tiago e João a um lugar retirado e se transfigurou diante de todos. Os evangelistas afirmam que o “rosto do Cristo resplandecia como o Sol e Suas vestes tomaram-se brancas como a luz” (Mateus 17:1-2).

A transfiguração foi definida por Allan Kardec como um fenômeno que consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo (“O Livro dos Médiuns”, número 122). Observe que espetáculo maravilhoso foi presenciado pelos três seguidores do Cristo, já que tiveram a oportunidade de atestar a elevação espiritual de Jesus.

Relata o Evangelho que, de imediato, aparecem materializados dois varões, Moisés e Elias. É digno ressaltar que Pedro e seus companheiros “achavam-se premidos de sono” (Lucas **9:32**). Apesar da presença do Mestre que por si só seria suficiente para causar o singular acontecimento, acreditamos que os apóstolos ali presentes estavam efetivamente cedendo ectoplasma, desde que, em sua grande maioria, os médiuns de materialização ficam profundamente adormecidos durante as sessões.

Assim como foi verificado nas pesquisas com Florence Cook e Madame D'Espérance, em que as médiuns, despertas e lúcidas, viram as entidades materializadas, Pedro e demais discípulos, já acordados, olharam os profetas do Antigo Testamento com tanta lucidez que Pedro manifestou a vontade de armar tendas para eles (Lucas **9:33**).

Como acontece habitualmente nas reuniões de ectoplasma, onde se verifica o aparecimento de luz intensa e materialização de objetos, Mateus descreve uma “nuvem luminosa” envolvendo a todos que se achavam no “monte da transfiguração”. Vinda da nuvem, uma voz se fez audível: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo: a ele ouvi” (Mateus **17:5**).

Para os estudiosos da ectoplasma, o fenômeno referido denomina-se “voz direta” ou “pneumatofonia” que, segundo Allan Kardec, em “O Livro dos Médiuns” (Capítulo XII), consiste em sons vocais, provindos do mundo espiritual, que imitam a voz humana e ocorrem quase sempre espontaneamente.

Outro caso de materialização, mencionado em o Novo Testamento, aconteceu em Jerusalém. Os discípulos estavam presos e, de noite, um espírito se faz presente, abre as portas do cárcere e conduz os apóstolos para fora. Então, por “voz direta”, é transmitida a instrução de continuarem a pregar a causa do Cristo no templo. Os guardas, enviados pelo Sinédrio, narraram que o cárcere se encontrava fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos. Contudo, abrindo as portas não encontraram ninguém dentro (Atos dos Apóstolos **5:18-24**).

O discípulo Pedro, médium de efeitos físicos, incontestável, certamente desenvolvido por Jesus, é protagonista de mais uma ocorrência de ectoplasma, exposta em o Novo Testamento. O apóstolo encontrava-se encarcerado, sob a vista de dezesseis soldados, acorrentado com duas cadeias. De imediato, surge materializada uma entidade e uma luz ilumina a prisão (Atos **12:4-7**).

Devemos frisar que a ocorrência referida de emissão de claridade intensa é também observada nas reuniões espíritas de ectoplasma.

Pedro achava-se entre duas sentinelas, o espírito toca-o e diz: “Levanta-te depressa. Cinge-te, e calça as tuas sandálias. Põe a tua capa, e segue-me”. As cadeias que acorrentavam o discípulo caíram espontaneamente das suas mãos.

Mais uma vez a informação de estar o médium em transe, já que há o relato de Pedro

encontrar-se dormindo na prisão. Certamente o apóstolo fornecia ectoplasma, responsável pela aparição da entidade (Atos **12:6**).

Logo que foi acordado, o discípulo, ainda não totalmente lúcido (Atos **12:9**), foi conduzido pelo espírito para a rua, passando pelas sentinelas e pelo portão de ferro que se lhes abriu automaticamente. O mensageiro espiritual se apartou de Pedro que, imediatamente, “caiu em si”, isto é, compreendendo então o que se passava (Atos **12:9-11**).

Não podemos deixar de citar outras passagens em que efeitos físicos são expostos: **1** - Paulo e Silas, aprisionados em Filipos, foram libertados após um tremor que sacudiu os alicerces da prisão, abrindo-se as portas e soltas todas as cadelas. O carcereiro “dormia”, logo era quem liberava o ectoplasma (Atos **16:24-27**);

2 - Quando da conversão de Saulo, na estrada de Damasco, “seus companheiros de viagem pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo contudo, ninguém” (Atos **9:7**). Mais uma vez o fenômeno da “voz direta”;

3 - Respondendo a Jesus, “uma voz do céu foi ouvida pela multidão ali presente, que achava ter havido um trovão. Outros diziam: foi um anjo que lhe falou”. Trata-se novamente da “pneumatofonia” (João **12:28**). Então Jesus explicou que a voz veio por “vossa causa” (João **12:30**). O Mestre esclarece a todos nós que a realidade mediúnica tem a finalidade de fortalecer aos que têm fé e confundir, como também abalar, os orgulhosos e incrédulos.

O exemplo de Jesus, materializado diante de Tomé e deixando-se tocar por ele, comprova que a mediunidade existe efetivamente, revelando-nos que a vida continua após a vida.

Capítulo IX A suposta proibição mosaica de do exercício da mediunidade

Certa feita, um reverendo protestante escreveu-nos com o propósito de denegrir a nossa crença espírita. Entre outros assuntos de pequena significância, relatou-nos que “a Bíblia proíbe o intercâmbio mediúnico, já que Moisés, em diversas passagens do Antigo Testamento, anatematiza a mediunidade”.

Respondemos-lhe, com os argumentos inseridos neste capítulo, procurando estudar, com lógica, os textos do Antigo Testamento utilizados pelos literalistas da Bíblia como comprobatórios da negação, por parte de Deus, da prática do intercâmbio mediúnico entre os vivos e os chamados mortos.

Vejam: **1** - “Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos; não os

procureis para serdes contaminados por eles..." (Lv. 19:31);

2-“Quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros para se prostituir com eles, eu me voltarei contra ele e o eliminarei do meio do seu povo” (Lv. 20:6);

3-“O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos: serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles” (Lv. 20:27);

4-“Quando vos disserem: Consultai os necromantes e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso não consultará o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?” (Is. 8:19);

5-“E até fez passar a seu filho pelo fogo, e adivinhava pelas nuvens, e era agoureiro, e instituiu adivinhos e feiticeiros; e prosseguiu em fazer mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira” (2 Rs. 21:6);

6-“Quando entrares na terra que o SENHOR teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR teu Deus os lança diante de ti” (Dt. 18:9-12).

Os textos são claros em relação à mediunidade utilizada por seres humanos bem inferiores em intercâmbio com os espíritos atrasados, principalmente para fins divinatórios, já que necromancia é a invocação dos mortos para adivinhações.

No culto dos deuses de Baal praticava-se a magia negra, inclusive com sacrifício de crianças.

A prática da mediunidade, portanto, era proibida de ser exercida pelos politeístas, pelos homens atrasados espiritualmente, que adoravam os espíritos não esclarecidos que se apresentavam ou eram identificados como deuses.

É importante frisarmos que a mediunidade, praticada pelos sinceros adeptos do monoteísmo, não era proibida. Veja-se passagens nas escrituras que claramente confirmam o processo mediúnico entre os judeus:

1-Manasses, após seu cativeiro em Babilônia, voltou-se, arrependido, para Deus, abandonando a seita idólatra de Baal, após o que “ele, angustiado, suplicou deveras ao Senhor seu Deus, e muito se humilhou perante o Deus de seus pais” (2 Cr. 33:12). Conseqüentemente, ouviu “as palavras dos videntes que lhe falaram em o nome do Senhor, Deus de Israel...” (2 Cr. 33:18); (Os grifos são nossos)

2-Se recorrermos ao livro de Números, capítulo onze, leremos que “Deus” designa setenta anciãos para ajudarem a Moisés. Esses homens

foram escolhidos para assessorarem Moisés mediunicamente – “tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles” – e colaborarem com o legislador hebreu no governo de Israel – “e contigo levarão a carga do povo, para que não a leves tu somente” (Nm. 11:17). Diz o livro em tela: “...E tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram...” (Nm. 11:25). Nesse ínterim, “ficaram no arraial dois homens; um se chamava Eldade e o outro, Medade. Repousou sobre eles o Espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda; e profetizavam no arraial. Então correu um moço, e o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus escolhidos, respondeu, e disse: Moisés, meu Senhor, proíbe-lho. Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito! Depois Moisés se recolheu ao arraial, ele e os anciãos de Israel” (Nm. 11:26-30).

A palavra “profeta” vem do grego “prophit”, que significa “através de”. Logo, o profeta é alguém através de quem o mundo recebe uma mensagem ou revelação. Em outras palavras, é o intermediário entre aquele que faz e aquele ou aqueles que recebem a revelação. Ora, intermediário é exatamente o termo usado por Allan Kardec para designar aqueles que receberam comunicações do Plano Espiritual. Só que o codificador da doutrina espírita preferiu a expressão latina “medium”. Devemos ressaltar no discurso de Estevão a afirmação de que a Lei foi ensinada pelos mensageiros espirituais ou anjos (At. 7:53). Pedro, em sua Primeira Epístola, relata que o espírito do Cristo habitava nos médiuns (profetas) do Antigo Testamento (1 Pe. 1:11). Portanto, esses homens dotados do dom da mediunidade não recebiam mensagens diretas de Deus, e, sim, de Jesus e de seus mensageiros. A palavra anjo, quer dizer, mensageiro, enviado, arauto. No livro de Daniel, encontramos o espírito Gabriel, citado pelo profeta como “homem Gabriel” (Dn. 9:21), provando-nos que os anjos ou mensageiros espirituais não são seres especiais, e, sim, espíritos desencarnados, situados em alto grau de evolução.

Observemos a exclamação de Moisés: ‘Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta (médium), que o Senhor lhes desse o seu Espírito!’”. Para os outros povos, as evocações dos mortos eram proibidas; porém, para os que seguiam verdadeiramente os passos do legislador hebreu, os fenômenos mediúnicos eram permitidos e louvados. É necessário esclarecer que aos médiuns (profetas) do Antigo Testamento essas práticas não eram entre eles objeto de vantagem financeira, nem associadas à magia negra e à necromancia.

É importante assinalarmos que se Moisés proibiu invocar os mortos, claro está que se os evocarmos, eles virão. De maneira nenhuma Moisés faz referência ao “diabo” e seus asseclas.

O que se vê, em tudo isto, o que aí se proíbe não é propriamente o contato com os espíritos, e, sim, a utilização desse contato para fins divinatórios.

Não era, porém, esse o único motivo para que Moisés proibisse o intercâmbio com o

Invisível. É necessário atentarmos para a missão histórica do povo judeu. Ele tinha que transmitir à humanidade e de maneira insofismável a noção monoteísta. A crença num único Deus era outro ra propriedade de iniciados e só a conheciam os que pertenciam a escolas secretas. Os judeus tinham que vulgarizá-la; era necessário, portanto, que sua atenção não se desviasse do Deus Supremo, o que fatalmente aconteceria caso o contato com os espíritos lhes fosse franqueado. Convém não esquecer que foi graças ao monoteísmo, que de Israel, “encruzilhada do mundo”, ponto de encontro entre várias culturas, surgiu o cristianismo.

Sabemos que Jesus não ratificou tudo quanto disse Moisés, provando-nos que nem tudo que veio de Moisés é divino (Ver Mt. 5:38-48; Jo. 8:1-11). Aliás, se há no Velho Testamento uma proibição que foi claramente contestada pelo Mestre, essa proibição é, nada mais, nada menos, a que impede o intercâmbio com o plano invisível. Jesus, tomando consigo a Pedro, Tiago e João, levou-os a um alto monte e foi transfigurado diante deles (Mt. 17:2). Ali apareceram gloriosamente materializados, Moisés e Elias, que conversaram com o Cristo a respeito de sua futura crucificação. Diga-se, de passagem, que os apóstolos, presentes à reunião, cooperaram ativamente para a produção do fenômeno, uma vez que estavam tomados de sono (Lc. 9:32). Ora, só sentiria sono em tais circunstâncias quem estivesse cedendo ectoplasma, porquanto não se compreende que alguém, possa ficar sonolento diante de fatos tão espantosos, como os que se deram no “monte da transfiguração”. Apesar da presença de Jesus, que por si só dispensaria todo e qualquer concurso alheio para manifestação do plano superior, os apóstolos forneciam ectoplasma, o que explica não estarem em plena posse de sua consciência vígil.

É IMPORTANTÍSSIMO RESSALTARMOS QUE O PRÓPRIO MOISÉS, “MORTO” há tanto tempo e AGORA MATERIALIZADO no monte, FOI JUSTAMENTE QUEM “PROIBIU” O CONTATO COM OS “MORTOS”.

A proibição de Moisés é inteiramente ratificada pela Doutrina Espírita, que igualmente condena a evocação de Espíritos atrasados, com o fim de sortilégios e adivinhações.

Demos gargalhadas quando um feiticeiro hodierno fez prognóstico totalmente errado a respeito do jogo Brasil x Itália, na Copa 82.

A comunicação com os espíritos em nossa crença é séria. Visa, quando estamos diante de almas sofredoras, a prestar a caridade devida. Se recebemos a visita de Espíritos Superiores ou de seus mensageiros, sabemos que seus ensinamentos e exortações têm o intuito de instruir-nos e de lembrar-nos das lições do mestre Jesus. Ora, é claro que os mais ignorantes e ortodoxos protestantes diriam que as manifestações do Invisível, no espiritismo, ocorrem pelo “diabo”. Não nos surpreendemos, já que são afirmações daqueles que crêem em um Deus que manda tentar, por seus sequazes, a pobre criatura humana e depois tem o prazer de condená-la para sempre ao “fogo eterno”. Esse Deus desumano e

cruel, totalmente destituído da onisciência, já que não sabia que estava criando o “diabo”, “permite” que essa criatura maléfica “baixe” nos Centros Espíritas, onde todos estão com o pensamento verdadeiramente voltado para o Pai, que é realmente AMOR. Tudo isto totalmente contrário às palavras de Jesus: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt. 18:20).

Nós, espíritas, diante da acusação de obrarmos através do mal, voltamo-nos para o Evangelho do Cristo, lembrando que ao Mestre foi feita a mesma incriminação (Mt. 12:24). Diante desses fariseus hodiernos, respondemos com as mesmas palavras de Jesus: “Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma, não subsistirá. Se Satanás expelle a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?” (Mt. 12:25-26).

Se o Espiritismo já conseguiu dividir Satanás, prestou um grande serviço à humanidade, não?

Continuemos com o Cristo: ^UE, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso os demônios, pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós.'Ou, como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E então lhe saqueará a casa. Quem não é por mim, é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha” (Mt. 12:27-30).

Se é realmente o “diabo” quem preside as reuniões espíritas, certamente o Espírito satânico está regenerado ou enlouqueceu, porquanto os espíritas obedecem de coração o lema: “Fora da caridade não há salvação”. Portanto, não é lógico que o próprio “diabo” pregue a Palavra Divina; estude o Evangelho do Cristo com sinceridade e lógica: distribua gêneros alimentícios, remédios, cadeiras de roda, pernas mecânicas e carrinhos de trânsito para os necessitados de qualquer crença religiosa; construa escolas, asilos, orfanatos, creches e hospitais; dê assistência médica e odontológica gratuita e, principalmente, esse mesmo “diabo” não receba remuneração financeira de espécie nenhuma. Pior ainda, o pobre “Espírito do mal” se dá ao luxo de abalar as convicções dos ateus, fazendo com que voltem a acreditar na Divindade.

O citado “diabo” cumpre rigorosamente as palavras do seu “contendor”, o mestre Jesus: “Curai enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os espíritos desencarnados; DE GRAÇA RECEBESTES, DE GRAÇA DAI”. (Os grifos são nossos), (Mt. 10:8). Parece piada que os dirigentes espirituais das religiões tradicionais, DEVIDAMENTE REMUNERADOS, MUITAS VEZES VIVENDO DA RELIGIÃO, venham afirmar que o Espiritismo é “coisa do diabo”.

Alguns anos atrás, nossa sogra, freqüentadora não muito assídua da seita batista, muito emocionada, nos afirmou: “Vim do culto de Natal da minha Igreja, precisavam ver que

carro lindo, zero quilômetro, o pastor recebeu dos membros da Igreja! Nesse instante, lembramo-nos de Jesus, nascendo em uma estrebaria, em extrema pobreza e simplicidade, enquanto o “representante maior e categorizado do Cristo”, digno eleito na salvação, ganhando um carro de presente em homenagem ao dia do Natal.

Em nossa crença, isso de maneira nenhuma aconteceria, embora sejamos “satânicos”. E achamos curioso ao comparar o fato com um que presenciamos, por várias vezes, de um conhecido presidente de um Centro Espírita, que sequer aceita um simples cafezinho em lares aos quais presta auxílio espiritual (Vide Antigo Testamento: 2 Rs. 5:15-16).

Nós, espíritas, trabalhamos gratuitamente. Os dirigentes de Centros Espíritas nada recebem e, muito pelo contrário, contribuem também para a assistência aos menos favorecidos. Os livros psicografados são vendidos a preços irrisórios e a renda é revertida a orfanatos, asilos, escolas, obras assistenciais, etc, por ordem do “espírito satânico”, responsável pela obra.

Realmente, os crentes não acreditam em seu próprio Deus, porquanto dão ao “diabo” poderes, “que nem o próprio Cristo possui”, o de “nos lembrar de tudo o que Ele disse” (Jo. 14:26). Se Deus dá tanta oportunidade ao “diabo” para nos tentar e nos iludir, certamente não acreditamos na afirmativa do Mestre: “Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós, pois o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo. 14:18 e 26).

A propósito de tudo isto, contaremos um fato, narrado pelo querido Dr. Bezerra de Menezes, transcrito do livro “Espiritismo e Protestantismo”, de Cairbar Schutel: “Foi um padre, disse ele, que nos sertões do Ceará substituía o vigário da freguesia em seus impedimentos: o que não lhe pesava, porque o rebanho era de levar-se com uma celha cTágua: Deus, no céu e o padre vigário, na Terra!

“Por desgraça apareceu um tombador (agrimensor) que era ou dizia-se ateu - e que tirou para seu barato dar piparotes na igreja romana, sabatinando o padre Joaquim.

“O padre foi-se desenvencilhando como pôde, até que o velhaco sai-lhe com esta:

“- Os concílios não são presididos pelo Espírito Santo?

“- Positivamente.

“- Logo, dele não pode resultar senão a verdade?

“- Positivamente.

“- Como, então, as resoluções de uns revogam as de outros?

Qual! Isto não pode ser.

Garanto-lhe, e provarei se quiser.

“- O padre embuchou e, depois de muito meditar, sugerindo-lhe o bestunto esta explicação: - Nada mais simples, Sr. Lourenço: é que alguns concílios são presididos pelo diabo.

‘O tombador bateu palmas de contente, tinha dado um piparote na doutrina da igreja’.

Capítulo X Incongruências Bíblicas

Muitos religiosos aceitam a Bíblia como divina de capa a capa. Trata-se, em realidade, de uma obra humana, contendo lições maravilhosas que devem ser aproveitadas, compulsando o “Livro dos Livros”, sem fanatismo, utilizando o bom senso tão bem exemplificado por Allan Kardec.

Com o mestre lionês aprendemos a lição da “fé raciocinada”, amalgamando a religião com a ciência e a filosofia, recomendando a análise de tudo e a aceitação daquilo que passe pelo buril da razão.

É infalível a Bíblia? De maneira nenhuma, porquanto fazendo um estudo sincero e lógico, sem estarmos compromissados e presos à exegese de qualquer religião, observamos nas Escrituras inúmeras incongruências e encontramos erros, por deveras importantes, que contradizem o caráter divino e sagrado, portanto infalível, do “Livro dos Livros”.

Vejam os:

1 – No Evangelho de Mateus, capítulo vinte e três, versículo trinta e cinco, encontramos as palavras do Cristo, endereçadas aos fariseus: “para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar”. Sabemos, através da leitura do segundo livro de Crônicas **24:20-21**, que Jesus se refere a Zacarias, filho de Joiada, morto a pedradas no “pátio da casa do Senhor”. Porém, Mateus cita outro Zacarias, filho de Baraquias, conforme está contido no livro de Zacarias **1:1**.

Se o erro não foi cometido por Mateus, está claro que houve enxerto por parte daqueles que se incumbiram de traduzir ou copiar o texto.

Embora pareça um deslize insignificante, este induzirá à descrença de todos aqueles que lerem a obra do historiador antigo Flávio Josefo: “Guerra dos Judeus Contra os Romanos”, na qual é relatado o assassinio de um judeu, Zacarias, cujo pai chamava-se também Baraquias, no ano sessenta e sete, ou sejam, trinta e quatro anos depois da morte de Jesus. Baseado no relato histórico de Josefo, poder-se-ia atribuir ao Cristo citação de um episódio que Ele não pudera conhecer, já que ocorreu após a sua morte, o que provaria mais uma vez a adulteração do texto, já que sabemos que os Evangelhos foram escritos muito tempo depois da morte de Jesus;

2 – Mateus relata, no capítulo **27:9-10**, de seu Evangelho, uma profecia referente ao destino dado às moedas de prata, recebidas por Judas por sua traição ao Mestre.

O Evangelista refere-se a Jeremias, como autor do enunciado; porém, o que foi dito, tem outra fonte, está contido no livro de Zacarias **11:12-13**.

Mais uma inexatidão nos textos evangélicos, revelando-nos a presença da mão do homem, e não de Deus nas Escrituras;

3 - Dizem os Evangelhos, exceto o de João, que Jesus foi crucificado juntamente com dois salteadores. Todavia, há divergências entre os evangelistas. Mateus e Marcos contam que esses malfeitores insultavam o Cristo (Mt. **27:44**; Mc. **15:32**). Lucas contesta seus companheiros, afirmando que apenas um dos ladrões blasfemava contra o Mestre. João, o único apóstolo que esteve presente ao ato da crucificação, nada fala a respeito do assunto.

Em quem acreditar? É realmente infalível "a palavra de Deus" das Escrituras? Mais uma incorreção encontrada no livro "divinamente inspirado"?

4 - Há, também, discordâncias entre os evangelistas em relação à primeira aparição de Jesus. Lucas cita a presença das mulheres junto ao túmulo vazio; contudo, acrescenta que o Cristo apareceu primeiro aos discípulos no caminho de Emaús. Já Mateus diz que o Mestre se mostrou pela primeira vez, após a sua morte, a duas mulheres: "Maria Madalena e a outra Maria" (Mt. **28:1-9**). Marcos e João revelam Maria Madalena como a primeira testemunha de sua aparição;

5 - Encontramos discrepância nos Evangelhos acerca da Ascensão. Os evangelistas Mateus e João nada escreveram. Marcos nos faz supor que a mesma aconteceu em Jerusalém (Mc. **16:19**). Já Lucas informa que a subida aos céus sucedeu na Betânia (Lc. **24:50**), no próprio dia da ressurreição. É importante notar que os Atos dos Apóstolos, redigido pelo mesmo Lucas, diz ter sido quarenta dias depois (At. **1:3**);

6 - Quem se proponha a estudar, atentamente, a Genealogia de Jesus, ficará estarecido, diante do desacordo geral entre os dois evangelistas, Lucas e Mateus, a respeito dos antecedentes do Cristo.

O que aconteceu? Não estavam inspirados nessa tarefa? Acreditamos, mais uma vez, na interferência do Homem na "palavra de Deus", deformando-a.

Talvez prevendo que isto aconteceria, João afirmou, na conclusão de sua grandiosa obra, o Apocalipse: "Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro. E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das cousas que se acham escritas nesse livro" (Ap. **22:18-19**). Palavras duras e ásperas, porém necessárias, endereçadas "àqueles servos, que souberam a vontade do seu Senhor, e não se aperceberam, e não obraram conforme a sua vontade, dar-se-lhe-ão muitos açoites" (Lc. **12:47**).

A respeito do assunto, grande inspiração recebeu Agur, filho de Jaque, autor das máximas contidas no capítulo trinta, do livro dos Provérbios: "Toda palavra de Deus é pura; Ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso" (Pv. **30:5-6**).

Voltemos ao desiderato: o estudo comparado da Genealogia de Jesus. Colocaremos, à esquerda, o que foi escrito por Lucas, e ao lado o de Mateus, na ordem encontrada no Novo Testamento, segundo os protestantes:

LUCAS MATEUS

Deus

Adão

Sete

Enos

Cainã
Maleleel
Jorctc
Enoque
Metusal
ém
Lamequ
e

Noé
Sem
Arfaxad
e

Cainã
Salá
Eber
Fáleque
Ragaú
Seruque
Nacor

Terá Abraã
Abraão o
Isaque Isaque
Jacó Jacó
Judá Judá
Farés Perez

LUCAS MATEU
S

Esrom Esrom
Ami Arão
Aminad

Admin abe
Aminad Naasson
abe
Naasson Salman

Salá Boaz
Boaz Obede
Obede Jessé
Jessé Davi

Davi	Salomão
Natã	Roboão
Mata tá	Abião
Mená	Asa
Meleá	Josufa
Eliaquitn	Jorão
Jonã	Uzias
José	Jotão
Judá	Acaz
Simeão	Ezequias
Lcvi	Manasses
Matã	Amom
Jorim	Josias
Eliézer	Jeconias
Josué	Salatiel
Er	Zorobabc
Elmadã	I
	Abiúde
LUCAS	MATEUS
Cosã	Eliaquim
Adi	Azor
Melqui	Sadoque
Ncri	Aquim
Salatiel	Eliúde
Zorobabcl	Eleázar
Resá	Matã
Joanã	Jacó
Jodá	José
José	Jesus
Semei	
Matatias	
Máate	

LUCAS

Nagai

Eslí

Naum

Amôs

Matati

as

José

Junai

Melqui

Lcvi

Mata

Heli

José

Jésus

Observando o quadro acima, vê-se a nítida disparidade dos evangelistas a respeito da genealogia de Jesus. A ordem e os nomes diferem nas duas genealogias. Afirmações incríveis e absurdas estão aí contidas:

1-Segundo Lucas, Aminadabe é filho de Admin. Para Mateus, ele é filho de Arão. No livro de Crônicas, encontramos Aminadabe como filho de Rão (**1 Cr. 2:10**);

2-Segundo Lucas, o filho de Davi, antecedente do Cristo, foi Natã. Mateus relata que foi Salomão, filho da adúltera Bate-Seba (**2 Sm. 11:1-6**);

3-Para os dois evangelistas, Zorobabel é filho de Salatiel. Segundo o livro de Crônicas, Zorobabel é filho de Pedaiás e sobrinho de Salatiel (**1 Cr. 3:17-19**);

4-Para Lucas, Salatiel é filho de Neri. Já Mateus afirma ser Jeconias;

5-Lucas relata Resá como filho de Zorobabel, enquanto Mateus diz ser Abiúde. Se fôssemos transcrever aqui todos os erros notados no estudo da genealogia de Jesus, prolongaríamos demais este assunto;

7-Alguns textos se contradizem nas Escrituras. Diz o livro de Êxodo: "...Eu sou o Senhor teu Deus, Deus Zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem" (**Ex. 20:5**). O mesmo é encontrado em Deuteronômio, capítulo cinco, versículo nove.

No quarto livro de Moisés chamado Números, no capítulo quatorze, versículo dezoito, encontramos: "O Senhor é longânimo, e grande em misericórdia, que perdoa a iniquidade e a transgressão, ainda que não inocente o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração" (Os grifos são nossos).

Se consultarmos outras obras do Antigo Testamento e lermos com atenção o livro do Deuteronômio, constataremos o absurdo desses textos citados acima. Ezequiel afirma: "Veio

a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que tendes **118** vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel, Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá” (Ez. **18:1-4**) (Os grifos são nossos).

Continua o inspirado profeta: “A alma que pecar; essa morrerá: o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a perversidade do perverso cairá sobre este” (Ez. **18:20**), (Os grifos são nossos).

O próprio Moisés refuta, no mesmo livro do Deuteronomio, o que parece ter afirmado no capítulo cinco, versículo nove, da referida obra: “aquele que peca receberá diretamente a paga” (Dt. **7:10**) e “não se matarão os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais: cada homem será morto por seu próprio delito” (Dt. **24:16**).

A responsabilidade pessoal, dado de negação do pecado original, é citado também em: Jó. **34:11**; Sl. **28:4**; Pv. **12:14**; Pv **24:12**; Is. **3:11**; Jr. **31:29-30**; Lm. **3:64**; Mt. **16:27**; Mt. **18:8-9**; Rm. **2:6**; 2 Tm. **4:14**; 1 Pe. **1:17**; Ap. **2:23** e Ap. **22:12**.

Por que essas divergências, se a palavra de Deus é uma só?

Nós, espiritas, não aceitamos a credulidade passiva, não somos dogmáticos, estamos envidados no estudo e na pesquisa. A nossa fé não é cega e seguimos o Cristo incondicionalmente, “em espírito e em verdade”. A verdade é buscada por nós e sabemos que à medida que a vamos encontrando ela verdadeiramente nos liberta.

Essas discrepâncias foram criadas pelos homens. Diz o saudoso professor Carlos Torres Pastorino, ex-catedrático de Latim e Grego da Universidade de Brasília, que os “Setenta e a Vulgata” acrescentaram a palavra “geração” a um texto que vem repetido quatro vezes no Antigo Testamento, acrescido da interpretação literal de filhos, em vez do sentido “na reencarnação seguinte”, na qual podemos aceitar o espírito reencarnado como “filho” ou “resultado da encarnação anterior”, o que justificaria sermos responsáveis no presente (deforridades físicas, malformações congênitas, paralisias, etc) pelo que fizemos ontem: “Nascer na vida com um só olho, manco ou coxo, porque o olho, a mão ou o pé escandaliza”, isto é, foi causa de erro no pretérito (Mt. **18:8-9**).

“A sementeira é livre, a colheita é obrigatória”.

Pensando assim, estamos aptos a entender, com lógica e clareza, o versículo dezessete, do salmo cento e três: “Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade, sobre os que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos? (Os grifos são nossos).

Devemos ressaltar que o temor, aqui citado, quer dizer, reverência. Deus, o Pai, não quer ser temido, e sim, amado.

Encontramos outra divergência no texto grifado acima? Não, apenas o sentido simbólico, segundo o qual a justiça será exercida nas sucessivas reencarnações (“filhos dos filhos”). “E

assim será pago o último ceitil”, porquanto a pena não é perpétua, segundo nos ensina Jesus (Mt. **5:26**).

Diz Moisés no livro do Deuteronômio “que Deus exerce Sua misericórdia até mil gerações aos que O amam”, ou seja, dos que são fiéis à sua Lei” (Dt. **7:9**). Compreendemos “mil gerações” no sentido de muitas encarnações (ou “filhos dos filhos”).

É assim que entendemos a Bíblia, um tesouro que deverá ser encontrado passo a passo. Porém, sabemos que as mãos dos homens o contaminaram com suas impurezas (cópias, traduções e interpretações erradas), as quais explicam, hoje, ser o cristianismo uma verdadeira colcha de retalhos, sem citarmos, especificamente, o protestantismo, com sua infinidade de seitas, cada uma divergindo da outra, todas baseando-se naquilo que polui ou adultera a “Palavra de Deus”.

Interpretando ao “pé da letra” os textos, já citados, estaríamos diante de um “Deus, desumano e cruel, que pareceria como um homem insensível, que diante de um adversário, toma seus filhos e os cega ou corta seus braços e pernas. Era esse Deus que Voltaire e Marx, como tantas inteligências, diziam não poder aceitar. E com toda a razão!” (Pastorino). De maneira nenhuma acreditamos, e já não acreditávamos antes, nesse Deus que a dogmática romana revelou ao mundo e o romanismo – reformador confirmou. O Deus da ira e da cólera, tão diferente do verdadeiro Pai, “que é amor”... (**1 Jo. 4:8**).

O dogmatismo do pecado original é uma heresia, inteiramente conflitante com a responsabilidade pessoal, emanada puramente das Escrituras Sagradas, que afirma: Nós somos responsáveis pelas nossas próprias mazelas, estamos colhendo na presente existência o que semeamos em vidas anteriores.

Provando que “a voz do povo é voz de Deus”, diz a cantiga popular: “A canoa virou, por deixá-la virar, foi por causa do fulano que não soube remar”. A canoa representa a vida atual e se esta é infeliz, foi devida à própria pessoa que não soube vivê-la em existência anterior. Essa cantiga é enunciação da Lei de Causa e Efeito, mostrando-nos que Deus nos dá o livre-arbítrio e, se fazemos mau uso desse atributo, temos que prestar contas a nós mesmos: “Pelo que vós, homens sensatos, escutai-me: Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do todo-poderoso o cometer injustiça. Pois retribuirá ao homem segundo as suas obras”... (Jó. **34:10-11**).

“Na Grécia, a par dos poemas órficos, Platão, o amado discípulo de Sócrates, conclama: “Almas divinas! Entrai em corpos mortais; ide começar uma nova carreira. Eis aqui todos os destinos da vida. Escolhei livremente; a escolha é irrevogável. Se for má, não acuseis por isso a Deus” (“Pensamento de Emmanuel”).

No livro de Reis (**1 Rs. 19:11-12**), encontra-se a seguinte passagem, eminentemente esotérica, a qual nos explica que todas as atribulações, vividas pela alma humana, são conseqüência da desarmonia que criamos dentro de nós e somos, portanto, responsáveis por

tudo e não devemos culpar Adão, nem mesmo Deus, pelos nossos sofrimentos: “...um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante dele, porém o Senhor não estava no vento; depois do vento um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto; depois do terremoto um fogo, mas o Senhor não estava no fogo; e depois do fogo um ciclo tranqüilo e suave” (Os grifos são nossos).

Este rumor brando, como o da viração nos ramos das árvores, aguarda a todos os que se encontram em aflição, vivendo intenso sofrimento. Fomos criados para a felicidade e temos que avançar para ela com os nossos próprios passos e, muitas vezes, cortamos o caminho, utilizando o atalho do amor. Se nessa caminhada tropeçamos ou seguimos por veredas sombrias, o Criador nos concede novas oportunidades de reajustamento em nossa trajetória, através de diversas experiências no plano físico, através da reencamação – “...Necessário vos é nascer de novo” (Jo. 3:7) – até chegarmos ao ponto final, onde se ouvirá o ciclo tranqüilo e suave de nossa alma, já mergulhada no Criador, sendo mais uma luz, na luz do Universo.

Portanto, de maneira nenhuma aceitamos o dogma do pecado original, criado pelos homens. Acreditamos na “Lei de Causa e Efeito”, claramente confirmada na Bíblia, e exercida através da reencamação: Jesus repreendeu a Pedro: “Embainha a tua espada; pois todos os que laçarem mão da espada, à espada perecerão” (Mt. 26:52). A degolação de João Batista foi consequência do carma contraído – “O escândalo é inevitável, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem” (Mt. 18:7) –, quando seu espírito, animando a personalidade do profeta Elias, fato corroborado por Jesus em Mateus 11:14, matou os profetas de Baal, no ribeiro de Quisom, à espada (1 Rs. 18:40; 1 Rs. 19:1). Disse Paulo: “O que o homem semear, isso também ceifará” (Gl. 6:7). “Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção...” (Gl. 6:8). “Porque com o juízo com que julgares sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós” (Mt. 7:2). Em Apocalipse, capítulo treze, versículos nove e dez, encontramos com certeza a Lei de Causa e Efeito: “Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar a espada, necessário é que seja morto a espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos.”

“Todo o que comete pecado, é escravo do pecado” (Jo. 8:34).

“Olhe que já estás curado; não erres mais, para que não te suceda coisa pior” (Jo. 5:14), (Os grifos são nossos).

Estes textos evangélicos, contrários ao pecado original, estão em completa harmonia com o pensamento espírita. É realmente vergonhoso atribuir diretamente a Adão e indiretamente a Deus a causa de todo o mal que aflige a humanidade. Diz Emmanuel, dinâmico e amoroso benfeitor espiritual: “Havendo o Espírito agido erradamente nesse ou naquele setor da experiência evolutiva, vinca o corpo espiritual com desequilíbrios ou

distonias, que o predispõem à instalação de determinadas enfermidades conforme o órgão atingido” (“Leis de Amor”).

Corroborando os textos evangélicos e a responsabilidade pessoal das Escrituras Sagradas, Emmanuel nos ensina que para a doença se instalar no corpo físico, é evidente que já estava localizada no corpo espiritual. E como sabemos que o corpo espiritual ou perispírito é o molde ou matriz formador do corpo somático, na embriogênese, temos a explicação espiritual para todas as enfermidades que acometem o homem;

8 - Perscrutando a profunda parábola de Moisés, o Gênesis, deparamo-nos com um desacerto. Diz o primeiro livro mosaico que, após coabitar com Adão, Eva concebeu e deu à luz Caim. Depois nasceu Abel. Caim tomou-se lavrador, enquanto Abel foi pastor de ovelhas. Existiam, portanto, quatro criaturas: Adão, Eva, Caim e Abel. Segundo as letras sagradas, Caim matou Abel e retirou-se para o oriente do Éden, onde constituiu família. Com a morte de Abel, concluímos, baseado no Gênesis, segundo a lógica e o raciocínio, terem ficado apenas três criaturas. Com quem coabitou Caim? Um paradoxo, se nos apegarmos à letra das Escrituras. Inclusive, depois, em Gênesis **4:25**, está bem claro que Adão tomou a coabitar com Eva, nascendo um menino (Sete), “outro descendente em lugar de Abel, que Caim, matou”.

Portanto, se a Bíblia faz referência a descendentes de Caim antes do nascimento de Sete, de quem foi gerada a mulher de Caim?

9 - O evangelista Mateus diverge de Marcos e Lucas a respeito do número de pessoas gerasenas endemoninhadas, cujos espíritos obsessores foram mandados para tuna manada de porcos. Em Mateus **8:28**, há o relato de dois indivíduos possessos, saindo do sepulcro e se dirigindo a Jesus. Em Marcos **5:2** e Lucas **8:27**, encontramos a afirmação de existir apenas um endemoninhado geraseno. Afinal, se há discordância dos evangelistas, as Escrituras não são infalíveis, muito menos sagradas de capa a capa;

10 - Outra discrepância: Mateus relata que Jesus foi abordado por um centurião, em Cafarnaum, preocupado com seu servo que estava à morte. O militar romano pediu diretamente ao Mestre a cura de seu criado (Capítulo **8** vers. **5**). Contudo, Lucas diz que o Cristo foi procurado por alguns anciãos dos judeus, enviados pelo centurião, não havendo encontro do romano com Jesus (Capítulo **7** vers. **3**);

11 - Um dos atributos da Divindade, a presciência, tem na própria Bíblia sua oposição, sua negação, compulsando os seguintes versículos: a) Gênesis **6:6**: “então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra...”; b) **1** Samuel **15:11**: “Arrependo-me de haver constituído rei a Saul...”

Como explicar semelhante contradição? **O** “Criador”, bem humano, negando sua divindade;

12 - Um dos mandamentos do Decálogo (não matarás) é desobedecido pelo próprio

“Criador”.

No 1º livro de Samuel está escrito que “Deus” mandou Saul aniquilar a todos os amalequitas, dizendo: “destrói totalmente a tudo o que tiver; nada lhe poupes, porém matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos” (1 Samuel 15:3)–

Uma divindade sanguinária e cruel que manda assassinar até bebês, denominado no Antigo Testamento de “Deus dos Exércitos” (1 Samuel 15:2).

Por ter poupado Saul a vida de Agague, rei dos amalequitas, e do melhor dos animais, “Deus” se arrependeu, como vimos anteriormente, de tê-lo criado (1 Samuel 15:9 e 11).

Quanto disparate, que absurdo! Segundo ensinamento do Novo Testamento, Deus é amor (1 João 4:8) e nunca mandaria matar, infringindo um de seus mandamentos;

13 – O segundo livro de Macabeus, considerado apócrifo pelos protestantes, relata a aparição do profeta Jeremias e do sumo-sacerdote Onias a Judas Macabeus. É lamentável que os crentes não leiam os chamados “livros não inspirados”, já que muitos ensinamentos estão aí contidos. Enoque, por exemplo, que transmitiu o arcabouço doutrinário secreto dos judeus, a Cabala, ao patriarca Abraão, tem um livro, considerado apócrifo, apesar de as Escrituras afirmarem que ele não viu a morte, tendo sido transladado por Deus (Gn. 5:21-24 e Hb. 11:5) e de ter sido citada sua profecia sobre o juízo de Deus contra toda a impiedade, na Epístola do apóstolo Judas (Jd. 1:14).

Quanta incoerência! Um autor, considerado não inspirado pelos homens, é citado por um apóstolo do Cristo. Meditemos bem a respeito disso...

14 – Quando lemos o livro de Jonas, notamos outro paradoxo a respeito do que se atribui, na Bíblia, ser o próprio Deus. Este afirma: “E não hei de ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas... e também muitos animais? (Jn- 4:11).

A respeito dos ninivitas e seus animais o “Senhor” se compadeceu, embora Nínive fosse grande inimiga de Israel, mandando o profeta Jonas ao encontro dos algozes do “povo eleito”, em missão de paz. Já em relação aos amalequitas, esse “Senhor” não se apiedou.

Afirmam os exaltadores da letra das Escrituras: “Não discutimos os desígnios de Deus”. Que Deus? Aquele que se arrependeu de ter criado o homem e de ter ungido Saul rei? O “deus” que se deliciava com as ofertas de carne assada, aspirando a sua fumaça e o seu cheiro? O “deus” que mandou matar até crianças de peito?

O “deus” que se arrepende, não tem o atributo da Onisciência (conhecedor do passado, presente e futuro). Como poderá, então, prejudicar que o povo de Nínive merecia a sua misericórdia, enquanto os amalequitas foram tão cruelmente assassinados. Que “deus” é esse?

Inclusive, exegetas sinceros relatam que o livro de Jonas foi escrito posteriormente à

época do profeta, já que contém elementos em aramaico e construções gramaticais próprias do período de tempo posterior ao profeta. É um livro “sagrado” onde sua autoria é contestada;

15 - Outro livro “sagrado” tem também a sua autoria questionada. Trata-se do “Eclesiastes”. Não resta dúvida de que foi Salomão o seu autor; contudo, numerosos exegetas levantaram questão acerca da autenticidade da obra. Consideraram o livro em tela bem posterior a Salomão, já que o idioma, com vocábulos em aramaico, é ulterior ao “Rei Sábio”, introduzidos depois do Cativo da Babilônia (término em **538** A.C.), contendo também algumas palavras de origem persa, como “pardisin” (paraíso).

O soberano judeu, filho de Davi, desencarnou em **931** A.C.; portanto, em época bem anterior à escravidão dos judeus, em Babilônia. Contudo, pela análise do livro, é claramente demonstrada a presença de Salomão como seu criador. E agora? Será que “Eclesiastes” é fruto de uma mistificação? Alguém escreveu a obra, tentando se identificar como o grande sábio? É perfeitamente explicável o fato, sob a ótica mediúnica, desde que os textos bíblicos podem ter sido ditados pelo rei por via medianímica a um sensitivo que não se identificou.

Pastorino, na excelente obra “LaReencarnacion en el Antiguo Testamento”, aborda o assunto, com muita propriedade, dizendo: “... é fácil observar no capítulo um, versículo um: “Palavras do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém”. Isto somente pode ser atribuído a Salomão. Mas, no mesmo capítulo, versículo doze, declara: “Eu, o Pregador, fui rei de Israel, em Jerusalém”. Temos aqui o verbo no pretérito: FUI, como traduz também a Vulgata e como se encontra no original hebreu e nos LXX que traduzem “fui nascido”.

“Portanto, quando o livro foi escrito Salomão não era mais rei de Israel, porque havia desencarnado, mas seu espírito se comunicava ao “médium” como aquele que “havia sido rei”. Por outra parte, todo o contexto do livro nos fala do reinado de Salomão no pretérito, o que nos demonstra a afirmação, e o autor critica e censura tudo quanto em sua Corte havia acontecido”. (Ed. Sabedoria, páginas **45** e **46**)

Corroborando a tese de Pastorino, registramos as observações contidas no Dicionário da Bíblia, de John D. Davis, sexta edição, editado pela Casa Publicadora Batista, na página cento e sessenta e sete: “Quando eu era rei (porque agora já não sou) apliquei o coração em busca da sabedoria, e achei...” Diz o autor, John Davis, obreiro da causa evangélica: “Esta forma é a mais correta por ser a que mais se compadece com o vocabulário e com a construção gramatical, usada nas Escrituras depois do exílio, e com o aramaico, empregado nos livros de Daniel e de Esdras”.

Precisamos frisar que a tradução de João Ferreira de Almeida, na edição não atualizada, é honesta e certa: “Eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém”. A edição atualizada, não tendo a capacidade de entender ou aparentando não entender a mensagem mediúnica do Espírito Salomão, modificou totalmente o tempo do verbo empregado, alterando de

maneira infeliz o texto: “Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém”.

Vê, caro leitor, ontem e hoje estão os homens mexendo na “palavra de Deus” a bel-prazer!

É importante ressaltarmos que, na espiritualidade, Salomão, esclarecido, nos revela o seu atual pensamento: “Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento. Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia; e vim a saber que também isto é correr atrás do vento. Porque na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência, aumenta tristeza” (Ec. 1:14, 17 e 18);

16 – Embora seja considerada “divina de capa a capa”, a Bíblia não é a mesma para católicos e protestantes. As Escrituras dos crentes não contêm algumas obras, consideradas apócrifas, como a de Tobias, Enoque e Macabeus. Inclusive, o fenômeno mediúnico surge expressivo em Tobias e Macabeus.

Afinal, qual das “Bíblias Sagradas” é realmente divina? Existem várias Escrituras, cada uma com sua tradução peculiar. Algumas contendo livros para mais, outras com menos livros. Em muitos pontos se contradizem. E agora, querido leitor?

Ê infalível a Bíblia?

17 – Se compulsarmos o quinto livro de Moisés chamado “Deuteronômio”, encontraremos ordenanças absurdas que contradizem o caráter divino da Bíblia.

Está escrito no livro em tela, capítulo **21**, versículo **23**: “... o que for pendurado em um madeiro é maldito de Deus”. Inclusive o texto é claro na severidade quando relata que o cadáver deva ser enterrado o mais rápido possível durante o dia, já que ficando à cruz, durante a noite “contaminará a terra que o Senhor Teu Deus te dá em herança”.

Como conceber tamanho absurdo? É patente que Jesus passou por tal condenação. Não está a lei Mosaica denominando o executado Jesus de “maldito de Deus”? E agora? Para um religioso ortodoxo, católico ou protestante, a Bíblia não deve ser discutida, aceitando sem análise os seus escritos. Porém como ficamos diante desse disparate? Se a Bíblia é divina de capa a capa, não deveria haver contradições. Devemos sempre separar o que é humano, portanto sujeito a erro, do que é verdadeiramente divino na Bíblia.

Se tudo é divino, então Jesus é considerado, em um trecho do Antigo Testamento, “um maldito de Deus”;

18 – O absurdo é constante na leitura de “O Deuteronômio” e tão marcante que mesmo os mais ignorantes religiosos não cumprem suas leis, embora sabendo erroneamente que são divinas.

Vejamos, então, alguns versículos para a nossa análise;

A) Em Deuteronômio capítulo **5**, versículo **12**, Moisés diz para observar o dia de sábado para santificar a Deus. Sabemos que poucos religiosos cumprem o citado mandamento;

B) A menção em Deuteronômio **12:27**, da obrigatoriedade de oferecer holocaustos sobre o altar, consistindo em carne e sangue.

Embora os fanáticos seguidores da Bíblia atestem sua infalibilidade, ninguém transformou ainda a igreja num “açougue”;

C) Em Deuteronômio **15:6**, outra disparidade surge aos olhos da razão. É estabelecida a proibição da nação judaica tomar empréstimos, podendo contudo emprestar. O texto é finalizado com uma violenta assertiva: “... dominarás sobre muitas nações, porém elas não dominarão sobre ti”.

Em verdade há uma apologia ao domínio financeiro de uma nação sobre outra, onde o mais forte é aquele que mantém subjogado o devedor, cobrando juros exorbitantes às custas da miséria do oprimido.

É interessante frisarmos que nenhuma nação dita cristã e fiel seguidora da Bíblia se nega a contrair empréstimos estrangeiros, desrespeitando “uma lei divina”.

D) Em Deuteronômio **21:1-4**, é recomendada uma matança de novilhas para cada homem encontrado morto no campo, sem que se saiba quem o matou.

Já imaginou, prezado leitor, quantas novilhas seriam desnucadas nas grandes metrópoles se todos realmente achassem que a Bíblia não falha?

E) Em Deuteronômio **21:18-21**, encontramos outra barbaridade, a de apedrejar um filho rebelde até a morte.

Em detrimento à psicologia, à psiquiatria e à verdadeira educação infantil, o texto é ameaçador. a Bíblia não permite nenhuma possibilidade de recuperação de um filho desobediente, manda prontamente assassiná-lo;

F) Em Deuteronômio **22:20-21**, a Bíblia manda matar também a pedradas as moças que forem recém-casadas, acusadas pelos maridos de não tê-las encontrado virgens.¹¹?

Até mesmo o adultério é passível, sob a ótica míope da ignorância religiosa, de ser causa de um apedrejamento até à morte.

Se “O Livro dos Livros” fosse realmente divino de capa a capa, Deus seria um vil criminoso, essencialmente bárbaro, contradizendo a Jesus e ao apóstolo João que, em sua Primeira Epístola, capítulo **4**, versículo **8**, define o nosso Pai como Amor;

19 - Afinal, quando foi que Jesus “subiu aos Céus”?

Alguns irmãos católicos e protestantes argumentaram que o seguinte diálogo é contrário à reencarnação: “Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino. Disse-lhe o Cristo: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso” (Lucas **23:42-43**). Contudo, ao lado do Sepulcro o Mestre, já materializado, diz a Madalena: “...Ainda não subi a meu Pai...” (João **20:17**). E agora? Que paradoxo, não é, amigo leitor?

Em realidade, o livro de “Atos dos Apóstolos” relata que o Cristo apareceu aos apóstolos durante quarenta dias após ter sido padecido na Cruz (Atos **1:3**).

Acontece que na passagem, citada por Lucas, acima, Jesus não faz referência ao chamado céu das religiões ortodoxas. “A palavra ‘paraíso’, transcrição do persa ‘pairi-daêza’, é encontrada várias vezes no Antigo Testamento, com o sentido de ‘jardim plantado’, de ‘bosque’ ou ‘pomar’ amenos, mas sempre no solo da terra, e não flutuando entre as nuvens” (Pastorino).

Em verdade, “estar no paraíso” significa um estado feliz da consciência. O sofrimento da crucificação, sentido sem revolta e sem acomodação por Dimas, realmente purificou o seu espírito. Daí ter desencarnado em paz e ser recebido no Mundo Espiritual como alguém que venceu a morte, já que estava em profunda sintonia vibratória com o Cristo.

Acreditamos que o “bom ladrão” não tenha tido necessidade de reencamação expiatória; mas, certamente, deve ter volvido à crosta terrestre, com o nobre intuito de ressarcir suas vítimas, lesadas pelo seu procedimento errôneo, como também fazer todo o possível para elas também descobrirem, dentro de si mesmas, o “Reino de Deus”, que ele vivenciou na cruz, ao lado de Jesus.

Analisando os textos, com lógica e raciocínio, podemos afirmar que não há base segura para se negar a reencamação.

Desmistificando o caráter sagrado e infalível das Escrituras, ressaltamos que os evangelistas Mateus e Marcos falam que “os que com o Cristo foram crucificados o insultavam” (Mateus **27:44** e Marcos **15:32**), em completo desacordo com Lucas. João, que se encontrava presente no local da crucificação, nada fala sobre os ladrões em seu Evangelho.

Suplico aos céus que possa este capítulo ter sido útil aos leitores que ainda estão presos a idéias religiosas retrógradas. Realmente o espiritismo é o “Consolador” prometido por Jesus, não somente trazendo lenitivo aos que sofrem, como também fazendo conhecer a verdade que liberta.

Capítulo XI A letra que mata

É digna de lamentação e tristeza a declaração de prelados apoiando a pena capital, baseando-se em preceitos religiosos.

É incrível que pessoas de elevada hierarquia católica ignorem que o próprio Cristo foi sentenciado numa cruz. Inclusive, o Mestre foi radicalmente contrário à execução de uma adúltera, dando-nos a lição de aquele que for sem erro, atire a primeira pedra (João **8:7**). Do que era realmente divino na lei mosaica, ressaltamos o “não matarás” (Êxodo **20:13**). No Gênesis, capítulo quatro, versículo **15**, está bem clara a proibição do suplício de Caim, assassino de Abel.

Qual é a alegação dos religiosos favoráveis à pena de morte? Eles argumentam que, na

Bíblia, está contido o ensinamento “olho por olho, dente por dente” (Êxodo **21:24**), como também “quem matar um homem, será morto” (Levítico **24:21**).

Não devemos confundir alhos com bugalhos. É lamentável que esses prelados, apoiando esses versículos, estejam discordando de Jesus e vibrando na atmosfera psíquica das falanges anticristãs, constituindo a força do anticristo.

Primeiramente, devemos ler as Escrituras utilizando a razão kardequiana e a exortação paulina: “...a letra mata, mas o espírito testifica” (2 Coríntios **3:6**). Nem tudo que está na Bíblia é divino. Somente um religioso muito ortodoxo e ignorante acredita que as Escrituras são divinas de capa a capa. Quantas incongruências e erros deveras lamentáveis são encontrados em “O Livro dos Livros”, quando se pesquisa a obra com bom senso. Utilizando bem o raciocínio, logo se separa o joio do trigo, constatando, de imediato, o que é humano e não divino na Bíblia.

Os livros Êxodo, Levítico e Deuteronômio contêm as leis mosaicas, criadas e executadas pelo legislador Moisés, próprias de uma época muito atrasada, onde havia necessidade de leis severas para coibir um povo selvagem.

A par do “olho por olho, dente por dente”, encontramos outros versículos que não são citados e muito menos exemplificados pelos exegetas das religiões tradicionais. Vejamos:

1) Em Deuteronômio **20:16**, a lei é clara: destruir todos os povos derrotados pelos hebreus.

2) A impiedade sendo exaltada nas Escrituras;

2) Em Deuteronômio **7:3**, é recomendado não contrair matrimônio com os subjugados e muito menos adotar como filho alguma criança desses povos.

A Bíblia dando apoio aos entusiastas da segregação racial;

3) Em Deuteronômio **12:27**, é imposto o sacrifício de animais no altar do templo para servir de holocausto a Deus.

Se o “Livro dos Livros” fosse exemplificado, já imaginou, caro leitor, como ficariam os altares das igrejas, repletos de carne e de sangue?

4) Em Deuteronômio **13:1,6,9** e **10**, há uma apologia à intolerância religiosa, sem nenhum respeito à liberdade de crença. E o que é pior, punindo os adeptos de outros credos com a morte por pedradas;

5) Em Deuteronômio **13:15-16**, a crueldade na guerra religiosa é estimulada, uma abominação aos direitos humanos e à ecologia é observada, já que é ordenada a matança generalizada dos homens de outras crenças, dos seus animais e as cidades destruídas por fogo;

6) Em Deuteronômio **14:8**, a lei mosaica proíbe a ingestão de carne de porco, pelo motivo de ter o animal unha fendida e não ruminar.

Baseado neste texto da legislação mosaica, não deveriam os prelados e pastores comer

lombinho e muito menos lingüiça;

7) Além de muitos outros absurdos, contidos na lei de Moisés, puramente humana, citaria Deuteronômio **23:1**, onde se proíbe a entrada no templo de pessoas mutiladas sexualmente, com os testículos triturados e órgãos sexuais decapitados. Cruz credo! Isso parece ideologia nazista.

O nosso querido Mestre Jesus, no Sermão da Montanha, revogou o que era humano nas leis de Moisés. No Evangelho de Mateus, capítulo cinco, do versículo trinta e oito ao quarenta e oito, disse o Cristo: “Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente”.

“Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra;

“e ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.

“Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.

“Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.

“Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;

“para que vos tomeis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos.

“Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? não fazem os publicanos também o mesmo?

“E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os gentios também o mesmo?

“Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste”.

Jesus dá um basta à vingança e à violência emanadas das leis mosaicas. O Mestre põe por terra um arcabouço vetusto, arcaico e superado. É lamentável que a pena capital seja defendida por homens que se dizem cristãos e conhecedores das Escrituras, quando, na realidade, são exegetas extremamente ortodoxos, ignorando a Bíblia no seu conteúdo moral-divino, baseando-se apenas na letra morta.

A ignorância das coisas espirituais é de tanta intensidade que esses religiosos, defensores da pena de morte, argumentam também com o ensinamento de Jesus: “Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada” (Apocalipse **13:10**). Contudo, o Mestre também disse: “Se alguém leva para cativo, para cativo vai” (Apocalipse **13:10**). É a enunciação da Lei de Causa e Efeito que se realiza na intimidade do nosso corpo espiritual. “A sementeira é livre, porém a colheita é obrigatória”. O que fazemos de bom ou de mau repercute em nós mesmos, isto é, vincamos nossa vestimenta espiritual com as vibrações que logramos criar, sendo elas boas ou más.

Em meados do século passado, os Benfeitores do Além já ensinavam, na resposta da pergunta n* **746**, de “O Livro dos Espíritos”, as palavras de Jesus, a respeito de “quem

matar com a espada pela espada perecerá”, constituem justiça divina. “É Deus quem a aplica. Todos vós sofreis essa pena a cada instante, pois que sois punidos naquilo em que haveis pecado, nesta existência ou em outra. Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus”.

Parafraseando o nosso querido Bezerra de Menezes, através do abençoado Chico, diríamos para os prezados prelados, apologistas da pena de morte, que se Kardequizem, isto é, se atualizem, conhecendo a "Terceira Revelação Divina", a Doutrina Espírita. Na primeira obra básica da codificação está o ensinamento de que a pena de morte incontestavelmente desaparecerá da legislação humana e sua supressão assinalará um progresso da humanidade.

Disseram os Instrutores do Além: “Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vós”.

Capítulo XJJ Curiosidades da Bíblia

1) A primeira embriaguez da Humanidades

Um dos mais graves vícios, levando a uma intensa dependência física e psicológica, é o alcoolismo.

Corresponde a uma toxicomania difundida por todo o mundo, responsável por um número elevado de óbitos, acarretando muitos acidentes e sendo causa de inúmeros males físicos.

Quase sempre o alcoólatra termina seus dias em um manicômio, em um hospital, ou mesmo em uma prisão. Pois bem, tudo começou com um personagem bíblico de grande relevância chamado Noé, “homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos, ele andava com Deus” (Gênesis 6:9).

Segundo o primeiro livro de “O Livro dos Livros”, “Deus” exterminou toda a humanidade e os animais (Gênesis 7:4), exceto Noé e sua família, como também muitos casais de bichos, que foram introduzidos em uma arca e salvos do dilúvio.

Logo após a hecatombe divina, já seca a terra, Noé, sendo lavrador, plantou uma parreira. “Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda” (Gênesis 9:21). Cão, vendo a nudez de seu pai, chamou a seus irmãos Sem e Jafé que, imediatamente, puseram uma capa sobre os próprios ombros e cobriram a nudez paterna.

As Escrituras relatam que já lúcido, Noé amaldiçoou a seu filho Cão e a seus descendentes.

Portanto, a Bíblia conta logo no seu início o primeiro pileque da História e a primeira

con- seqüência nefasta desse execrável vício: o desajustamento familiar;

2) O arrependimento do maldoso "Deus":

No primeiro livro de Samuel está relatado que o "Senhor dos Exércitos" ordena ao Rei Saul que combata os amalequitas e os destrua em sua totalidade: "nada lhe poupes, matarás homem e mulher, meninos e crianças de peito, bois e ovelhas, camelos e jumentos" (1 Samuel 15:3).

Saul, então, no comando de duzentos e dez mil homens, ataca os amalequitas e dizima todo o povo ao fio da espada. Desobedecendo a "Deus", deixa vivo o rei Agague, poupando da morte também os animais mais gordos.

"Então veio a palavra do Senhor a Samuel dizendo: Arrependo-me de haver constituído rei a Saul; porquanto deixou de me seguir, e não executou as minhas palavras" (1 Samuel 15:11).

Curioso, não é, leitor? Primeiramente o relato bíblico de uma divindade sanguinária, depois a comprovação desse "deus" ser realmente bem inferior, bem humano, arrependendo-se de ungir a Saul;

3) O estranho amor unindo Jônatas a Davi:

No Antigo Testamento, temos a informação de que o guerreiro Jônatas, filho de Saul, acabando de conhecer a Davi já o amava, "como à sua própria alma" (1 Samuel 18:1); inclusive, presenteando-lhe a capa que vestia, como também a armadura, a espada, o arco e o cinto.

Quando da perseguição movida por Saul contra Davi, Jônatas novamente reafirma o seu amor pelo filho de Jessé, "ruivo, de belos olhos e boa aparência" (1 Samuel 20:17 e 1 Samuel 16:12). Inclusive, Jônatas de tal forma protegia a Davi que seu pai tentou também matá-lo com uma lança (1 Samuel 20:32-33).

Após obter a informação de que Jônatas havia morrido em combate contra os filisteus, Davi compôs uma elegia e merece atenção o seu final: "...Como caíram os valentes, no meio da peleja!

"Jônatas sobre os montes foi morto!

"Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas;

"tu eras amabilíssimo para comigo!

"Excepcional era o teu amor,

ultrapassando o amor de mulheres." (2 Samuel 1:25-26 / Os grifos são nossos).

É realmente singular um amor de homem para homem, que ultrapassa o amor de mulheres;

4) O adultério de Davi:

Inobstante ter sido o grande fundador da monarquia judaica, ser seus salmos cantados

por toda a cristandade, fazer parte da cadeia genealógica de Jesus, Davi cometeu adultério com Bate-Seba (2 Samuel 11:1-5) e, ainda por cima, foi responsável pelo assassinato do marido da mulher, o guerreiro Urias, o heteu (2 Samuel 11:14-21).

No salmo cinquenta e um, Davi revela, através do canto, sua confissão e arrependimento;

5) O incesto de Amnom:

Em que pese a Bíblia ser adorada e considerada sem erro por grande número de religiosos, na realidade, retrata personagens que representam espíritos ainda não esclarecidos, reencamados em nosso orbe, mundo de provas e expiações. Portanto, apesar de ser taxada de sagrada, é um livro bem humano, contendo diversas facetas do comportamento dos habitantes do nosso planeta.

Amnom, filho de Davi, tinha uma formosa irmã paterna, cujo nome era Tamar. Logo se enamorou dela (2 Samuel 13:1). Junto com o amigo Jonadabe, arquitetou um plano para atrair a irmã à sua câmara, onde abusou da mesma criminosamente (2 Samuel 13:5-22).

Em represália ao ato incestuoso, Absalão assassinou traiçoeiramente o irmão Amnom (2 Samuel 13:28).

O leitor, por certo, estará surpreso em constatar, na Bíblia, tantas aversões;

6) As penas de diversos crimes:

“Deus” dita leis absurdas a Moisés que, na época em que vivemos, contradizem o caráter divino da Bíblia.

O livro de Levítico corresponde a um tempo de grande atraso, onde as pessoas viviam em tribos hostis e sanguinárias.

Estranhas leis eram sancionadas, tão humanas e tolas quanto o modo de pensar da humanidade de então. É incrível que ainda se pense numa ordenança divina, quando é fácil constatarmos a presença da frágil ignorância humana.

A pena capital é outorgada aos homossexuais, aos adúlteros, aos idólatras e aos feiticeiros. É surpreendente a menção de expulsão do seio do povo daqueles que tentarem um relacionamento sexual durante a época da menstruação (Levítico 20:18).

“Se a filha de um sacerdote se desonra, profana o seu pai; com fogo será queimada” (Levítico 21:9).

Os deficientes físicos, descendentes dos sacerdotes, são proibidos de penetrar no altar, ou mesmo de “oferecer o pão do seu Deus”. Um intenso e desumano preconceito é observado na leitura atenta dos textos de Levítico 21:16-24;

7) “Deus” faz exigências quanto à oferenda.

É incrível que alguns religiosos exaltem tanto

todos os textos bíblicos, quando, utilizando a lógica e a razão, verificamos um sem-número de absurdos.

O “Deus”, ao qual se refere o livro de Levítico **22:17-18**, marcadamente bem humano e impertinente, ordena que a oferta, a ser oferecida no altar, seja de animais sem defeitos.

Mais exigente, ainda, quando determina que não devem ser ofertados animais que tiverem os testículos machucados, ou moídos, ou arrancados, ou cortados (Levítico **22:24**).

Finalizando o lamentável capítulo, “Deus” se identifica como o “SENHOR” e diz: “Não profanareis o meu santo nome, mas serei santificado no meio dos filhos de Israel: Eu sou o SENHOR que vos santifico;

que vos tirei da terra do Egito, para ser o vosso Deus: Eu sou o SENHOR” (Levítico **22:32-33**).

Tudo isto não é muito triste, caro leitor?

8) A recompensa dada por “Deus” aos seus obedientes seguidores.

No mesmo livro em tela, o “SENHOR” afirma que, para todos que guardarem e cumprirem os mandamentos, dará chuvas ao seu tempo; a terra dará a sua messe, e a árvore do campo o seu fruto (Levítico **26:3**).

Mais adiante, “Deus” diz o seguinte: “Perseguirei os vossos inimigos, e cairão à espada diante de vós. Cinco de vós perseguirão a cem, e cem dentre vós perseguirão a dez mil...” (Levítico **26:7-8**).

Não é à toa que esse mesmo “Deus” se denomine o “SENHOR DOS EXÉRCITOS”. É “incrível, fantástico e extraordinário” que o próprio “Deus” desrespeite o seu mandamento – NÃO MATARÁS (Êxodo **20:13**).

9) Os castigos da desobediência.

“Deus” ameaça a todos que rejeitarem os mandamentos e estatutos com as seguintes penas:

a) “Porei sobre vós terror, a tísica e a febre ardente que fazem desaparecer o lustre dos olhos e definhar a vida...” (Levítico **26:16**);

b) “Voltar-me-ei contra vós outros, e sereis feridos diante de vossos inimigos...” (Levítico **26:17**);

c) “Trarei sobre vós a espada vingadora da minha aliança... enviarei a peste para o meio de vós e sereis entregues na mão do inimigo”. (Levítico **26:25**);

d) “Com furor serei contrário a vós outros, e vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados” (Levítico **26:28**);

e) “Destruirei os vossos altos...” (Levítico **26:30**);

f) “Reduzirei as vossas cidades a deserto e assolarei os vossos santuários...” (Levítico **26:31**);

g) “Assolarei a terra...” (Levítico **26:32**).

Um “Deus”, vingativo e mau, totalmente em desacordo com a Primeira Epístola de João, que nos consola, afirmando-nos: “DEUS É AMOR” (1 João **4:8**).

Jesus: “...qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?

– “Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?

– “Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?

– “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas” (Mateus **7:9-12**).

10) À luz da letra um fato anticientífico.

No livro de Josué uma invenção surge aos olhos dos que lêem a Bíblia, utilizando a ótica da letra que mata.

O filho de Num e sucessor de Moisés “fez parar” o sol e a lua, o primeiro em Gibeom e o segundo, no vale de Aijalom (Josué **10:12-15**).

Primeiramente, desde Galileu, se sabe que nossa estrela não gira sobre a Terra. Depois, de forma nenhuma poderia alguém, em nosso orbe, deter qualquer astro celestial.

Imaginou, prezado leitor, qual seria a reação de um estudioso da Astronomia, tomando conhecimento de tal assertiva bíblica?

Em verdade, desprezando “a letra que mata”, constatamos uma imagem essencialmente esotérica, desde que o sol e a lua constituem dois astros que exercem ação considerável sobre a Terra. “Parar o sol” nos revela a marcante influência espiritual, exercida por Josué, sobre os habitantes de Gibeom e Aijalom. Na realidade, todos nós albergamos dentro de nós um grande sol, a centelha divina, o reino de Deus que vive em nós (Lucas **17:21**);

11 - A incompreensível história de Jó sob a ótica literal.

Primeiramente, nos choca uma reunião em que são convidados os filhos de Deus e encontrava-se Satanás no meio deles. Estranhamente o Senhor pergunta ao maligno: “Donde vens?” Deus que tem o atributo da onipresença desconhecia os caminhos trilhados pelo espírito trevoso. Logo após, esse mesmo “Deus” autoriza o Diabo a tomar a vida de Jó um inferno, perdendo todas as suas propriedades, seus servos e até seus próprios filhos, chegando ao ponto de permitir que Satanás enchesse Jó de tumores cancerosos

disseminados.

Sem dúvidas, o livro de Jó trata-se de uma parábola, uma alegoria que demonstra a evolução espiritual do homem com seus percalços dolorosos, estimulando à conquista de um novo despertar, pela exteriorização de potencialidades imanentes ao ser;

12 - Jonas engolido por um grande peixe?

Lendo o livro de Jonas, encontramos sinais alegóricos importantes. Sob o ponto de vista da letra, os textos são desprezíveis, já que homem algum poderia ser engolido por qualquer peixe. Inclusive, é assaz conhecido que mesmo uma baleia (um mamífero e não peixe) tem seus canais digestivos bem estreitos, impossíveis de deglutir um homem, alimentando-se apenas de plâncton, crustáceos e pequenos peixes.

A Doutrina Espírita explica-nos que todos aqueles que não utilizam a mediunidade verdadeiramente para a causa do Bem e que, principalmente, se rebelam contra a determinação superior, recebem, como conseqüência de seus malfazejos atos, a OBSESSÃO.

Negando-se a cumprir ordens superiores, que consistiam em ir à cidade de Nínive e falar aos seus habitantes aquilo que desejava o Plano Espiritual, Jonas foi acometido do assédio de espíritos bem inferiores que lograram dominá-lo mentalmente.

A “fúria do mar” representa a primeira atribulação sentida pelo profeta, a obsessão incipiente, ao negar-se à prática mediúnica. A perturbação do médium judeu era contactada por todos que se encontravam ao seu redor; “Que te faremos, para que o mar se nos acalme? Porque o mar se ia tomando cada vez mais tempestuoso” (Jn. 1:11). Jonas respondeu: “Tomai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade” (Jn. 1:12). O profeta apelava para o deixarem a sós, entregue ao seu próprio tormento, lançado sozinho no “mar” da sua aflição. Então, a perturbação espiritual tomou-se mais intensa, e a parábola nos revela um importante símbolo alegórico: “engolido por um grande peixe”.

O psicólogo Cari Gustav Jung encontrou-se com esse mito, não só nas mais diversas culturas, como também nos delírios dos esquizofrênicos. Por isso, chegou à conclusão de que Jonas no ventre do grande peixe representa um regresso emocional ao ventre materno, ou seja, uma grande desintegração psíquica. Ora, sabemos que muitos casos mal diagnosticados de esquizofrenia não passam de obsessão; sabemos também que este mal atinge com frequência os médiuns que se recusam a cumprir sua tarefa sacrificial e consoladora. Não é exatamente este o caso de Jonas? Não negligenciou ele o seu mandato mediúnico ao recusar-se a falar aos ninivitas?

Interpretando a Bíblia de maneira esotérica, estamos aproximando-a daqueles que cultuam e praticam o pensamento ligado à razão, como Jung, Pastorino, Huberto Rohden e muitos outros.

Diante da intensa obsessão, procurou Jonas o socorro espiritual e, mesmo com suas faculdades deterioradas, orou ao Senhor o que lhe valeu a misericórdia divina. Após a cura espiritual, foi a Nínive e pregou a mensagem divina a seus habitantes;

13 - O Urim e o Tumim.

Não obstante os chamados crentes não aceitarem de maneira nenhuma a mediunidade em geral, e, particularmente, a de efeitos físicos, com a utilização de objetos ou instrumentos, o “povo eleito” de outrora, ou, precisamente, os responsáveis pelos serviços religiosos judaicos utilizavam-se do Urim e do Tumim (“Luz e Perfeição”).

Em “O Livro de Números”, constatamos a presença de um objeto, o Urim, que tinha o poder de responder as consultas feitas pelo sumo sacerdote (Nm. **27:21**). Somente ele podia consultar o Senhor por meio do Urim e do Tumim. Na bênção de Moisés (Deuteronômio **33:8**), há segura referência à tribo de Levi como possuidora desse poder espiritual. Em Êxodo, **156** temos a informação de que o sacerdote Arão trazia no peito o Urim e o Tumim (Ex. **28:30** e Lv. **8:8**]). Depois da volta do cativeiro, parece-nos que nenhum dos sacerdotes usava o Urim e o Tumim, segundo consta nos livros de Esdra e de Neemias (Esdra **2:63**; Neemias **7:65**).

O padre Alta afirma, em sua obra “O Cristianismo do Cristo e de seus Vigários”: “Que eram, afinal, Urim e Tumim? Judeus, protestantes ou católicos, os nossos livros e os nossos doutores os definem como instrumentos de natureza desconhecida. Sabem, no entanto, pela Bíblia, que Moisés formara de doze pedras preciosas esses instrumentos maravilhosos, representando cada pedra uma das doze tribos de Israel, e de duas outras pedras ainda mais preciosas. O que eles ignoram é que essas duas últimas pedras eram dois imãs de eletricidade superior, agentes do Deus Criador sobre a natureza criada, e que as doze pedras menores, postas sabiamente em ação por aqueles dois imãs, tinham a propriedade de decompor a luz emanada dos Espíritos como o arco-íris decompõe a luz do sol” (Os grifos são nossos).

Poderão os protestantes, que divinizam tudo que está na Bíblia, censurar os adeptos das religiões afro-brasileiras que utilizam os búzios e guias, instrumentos de consulta ao Invisível, tão “inferiores” quanto o Urim e o Tumim?

14 - Uma sessão espírita relatada na Bíblia.

Está bem clara, no primeiro livro de Samuel, capítulo **28**, versículos **1** a **25**, a manifestação mediúnica do espírito Samuel, através da sensitiva de Endor.

Dizem algumas correntes protestantes que o espírito comunicante não foi Samuel, e sim, o próprio “diabo”. É paradoxo que as mesmas pessoas que afirmam ser a Bíblia de

inspiração divina, também acreditam na inspiração do “diabo” atuando em Saul, através da médium de Endor. Dizendo que foi o “espírito maligno”, essas pessoas atestam a falibilidade da palavra de Deus e mostram que não crêem na infalibilidade da Bíblia.

É claríssima a manifestação de Samuel. O versículo vinte esclarece que “de súbito caiu Saul estendido por terra, tomado de grande medo por causa das palavras de Samuel...” (O grifo é nosso).» *

Se os textos afirmam que foi Samuel quem conversou com Saul, como podem os protestantes dizer que foi o “diabo”? Se foi realmente o “espírito do mal”, as Escrituras Sagradas não espelham a verdade. Atribuir a Deus a ordem ou permissão de o “diabo” “baixar” na casa da pitonisa, mistificando Samuel, é desconhecer o Criador, é ignorar que Ele é AMOR: “Aquele que não ama, não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1^a Ep. João 4:8). Dizer que o “diabo” tentou Saul a mando de Deus é afirmar uma heresia, contrariando o bom senso e a razão. Leiamos o apóstolo Tiago: “Ninguém sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta” (Tiago 1:13).

15- Exorcistas ambulantes modernos - “Nada há novo debaixo do sol” (Eclesiastes 1:9)-

Em relação à religião, assim como no passado, atualmente sagazes e espertos indivíduos, arvorando-se em missionários e bispos evangélicos, utilizam a ignorância e a ingenuidade das pessoas para se enriquecerem às custas do grande Mestre dos Mestres, que não tinha onde recostar a cabeça (Mateus 8:20). Inclusive, Jesus deixou-nos o grande ensinamento: “...de graça recebestes, de graça dai...” (Mateus 10:8), que certamente é ignorado pelos abastados líderes das seitas ditas evangélicas.

O episódio da expulsão dos vendilhões do templo de Jerusalém é marcante e serve de alerta a todos que fazem comércio dentro de uma religião, auferindo recursos. Disse o Mestre: “A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de ladrões” (Mateus 21:12-13).

Quase sempre falam a seus profitentes da figura medieval e lendária do diabo, amedrontando as pessoas, fazendo-as dependentes e submissas às custas do medo e do temor.

É curioso que intentam afastar os *demônios*, utilizando os mesmos métodos desmoralizados por Paulo, em Éfeso, quando foram *chamados de* exorcistas ambulantes e desmascarados pelo apóstolo dos gentios (Atos dos Apóstolos 19:13-17).

Primeiramente, devemos afirmar que *desobsessão* é tarefa muito difícil e há necessidade de *todos os* tarefeiros do Bem serem dotados de uma grande força moral, o que não pode

ser encontrado em amoedados curandeiros da fé.

Nesses círculos de trabalho, de nível intelectual bem inferior, pululam os casos psiquiátricos da histeria, onde se “recuperam” os supostos endemoniados, reagindo aos ensurdecedores gritos dos modernos e ricos exorcistas.

A gritaria estridente é tanta que *acreditamos* que até os casos leves de obsessão possam ser curados, através de poderosas *vibrações de rejeição* exercidas pelo obsidiado, *repelindo* ele próprio o obsessor pela firme *determinação da sua vontade*.

Capítulo XJJJ = A Reencarnação na Bíblia

Quando éramos criança, freqüentando as aulas de catecismo, tanto na escola quanto na Igreja, as dúvidas espirituais se avolumavam, não recebendo o devido amparo dos professores religiosos, quase sempre sacerdotes e não pessoas leigas. Lembramos de um episódio em que perguntamos a razão espiritual de um indivíduo nascer cego.

Estranhávamos a intensa dificuldade de nossos instrutores em nos esclarecer. Um deles, aparentando tuna pseudo-sabedoria, com falso desembaraço, relatou que o sofrimento entrou no mundo por causa do erro do primeiro homem, Adão. Outros mestres alegaram “mistério”, ao lado de não se poder “discutir os desígnios divinos”.

É claro que não ficamos satisfeitos com as respostas. Ao primeiro professor, retrucamos que não poderíamos passar por um sofrimento tão intenso, como a cegueira, por culpa de um antepassado tão distante, que não chegamos nem a conhecer. Consideramos também ao nosso instrutor religioso que era injusto que os sofrimentos dos descendentes de Adão fossem diferentes, alguns nascendo aleijados, outros com deformações monstruosas e a maior parte dos nascimentos verificando-se com recém-nascidos normais. Tudo muito complexo e de difícil entendimento, baseando-se numa explicação tão sumária e pobre.

Achávamos que deveria haver uma justificação plausível, que aparentemente desconhecíamos então.

No período da juventude, participando de cultos evangélicos na igreja metodista, as incertezas tomavam-se cada vez maiores. Questionávamos quase tudo que nos era ensinado e, além da falta de esclarecimento a respeito das enfermidades congênitas, começamos a interrogar os pastores o porquê da existência do famigerado diabo e do impossível e descaridoso inferno eterno.

Nas nossas leituras bíblicas, encontrávamos textos que não condiziam com os ensinamentos ministrados na igreja. Lembramos quando descobrimos a lição, dada por Jesus, a respeito da reconciliação com o adversário, em que o Mestre nos esclarece que a prisão não é eterna e que sairíamos dela quando pagássemos o último ceitil (Mateus **5:25-26**). Era clara a advertência do Cristo que havia uma possibilidade de libertação,

através de um possível resgate. O inferno, a partir de então, perdia a consistência de ser eterno; portanto, remissível.

Logo após, outro versículo surgiu aos nossos olhos inquiridores e surpresos. O apóstolo Pedro, em sua Primeira Epístola (Capítulo **3:19**), relata que o Nosso Mestre visitou e pregou aos que estavam na prisão (após a Sua morte).

Fomos buscar esclarecimento a respeito desses textos, desde que Jesus não poderia de forma nenhuma pregar a alguém que já estava condenado para o todo sempre, pois o ato de pregar já demonstra levar a possibilidade do arrependimento e consolo a alguém. De forma infeliz, um reverendo protestante nos disse que o Mestre desceu ao inferno para mostrar a Sua glória para aqueles que não O aceitaram como Salvador do Mundo. Respondi ao pastor que Jesus não poderia nunca ser enquadrado como sadista e, ao mesmo tempo, segundo a informação bíblica, os que lá estavam eram do tempo de Noé, quando o Cristo ainda não se fizera carne entre nós.

De súbito, quase desfalecemos de susto quando o jovem sacerdote protestante exclamou que realmente o inferno não existia e nos disse que havia necessidade de pregar a eternidade das penas para atemorizar o crente e fazê-lo fiel à causa do Cristo. Aí redargüimos, falando ao reverendo que religião não deve ser imposta a ninguém, muito menos através do medo. Uma religião calcada no temor não pode ser cristã.

Continuamos a ler a Bíblia e fomos levados a outras considerações antidogmáticas, avessas ao inferno eterno, a partir dos seguintes versículos:

1) Um discípulo perguntou a Jesus: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe o Cristo: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mateus **18:21-22**).

Este ensinamento nos leva à eternidade do perdão, sepultando mais uma vez o inferno sem fim;

2) A Primeira Epístola de João nos diz que “Deus é Amor” (**1 João 7:8**) e acreditamos, baseados nos textos abaixo, quão incomensurável é o amor de Deus por todos nós, filhos de Sua Criação: “Qual dentre vós é o homem, que se porventura o filho lhe pedir pão lhe dará pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos Céus...” (Mateus **7:9-11**).

Um basta ao inferno eterno;

3) Mais uma vez a máxima do perdão: “Se alguém ouvir as minhas palavras, e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e, sim, para salvá-lo.

4) Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido essa o julgará no último dia (João **12:47-48**).

Concluimos, na análise dos versículos acima, que o julgamento se processará nos refolhos

mais íntimos da nossa consciência. Um intenso remorso assenhoreará o ser que conhecia o caminho a seguir (as palavras do Cristo) e preferiu outras veredas. O sofrimento, então, é resultante do erro do próprio indivíduo, desacreditando qualquer menção a algum antepassado, como Adão;

4) Mas há passagens no Evangelho mostrando-nos o “fogo eterno”. Vejamos: “...E os lançarão na fornalha acesa, ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13:42). “Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora nas trevas, ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 8:12). “Pai Abraão, tem misericórdia de mim! e, manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama” (Lucas 16:24).

Até nas imagens simbólicas o inferno é indiferenciado: fornalha tem o significado de calor ou luz e trevas, ausência de luz. Na parábola do rico e de Lázaro, o Mestre coloca na boca do infrator a palavra pai e relata que o próprio Abraão chama o sofredor de filho. De forma nenhuma estaria o rico condenado para todo o sempre, sendo carinhosamente chamado de filho pelo patriarca que se encontra no Reino de Deus (Lucas 13:28). Se a condenação fosse eterna seria filho do diabo ou de Satanás e nunca de Abraão.

O sofrimento que passa o rico, insensível e egoísta, é resultante de seu procedimento, na arena física, em oposição ao amor, pregado e exemplificado pelo Cristo. Portanto, ele é o único culpado pela dor que experimenta.

No livro de Lamentações, encontramos o seguinte ensinamento: “De que se queixa pois o homem vivente? Queixa-se cada um dos seus pecados” (Lm. 3:22). Em Deuterônimo: “Aquele que peca receberá diretamente a paga (Dt. 7:10). No livro de Ezequiel: “Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá” (Ez. 18:1-4). “...o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai a iniquidade do filho” (Ez. 1:20).

Marcante nesses textos a inexistência do pecado 166 original, fruto do pensamento humano (dogmatismo), sem nenhuma base bíblica. Somos resultantes do que praticamos ontem. Somos nós mesmos responsáveis pelas nossas desditas. É claro que o Nosso Pai nos concederá a reabilitação. Como? De que maneira? Sem a reencarnação não haverá a possibilidade do perdão de um Pai que é Amor;

5) Mais alguns versículos nos foram reconhecidos como prova do amor desmedido do Pai por todos os seus filhos, botando por terra o inferno eterno: “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim” (Lm. 3:22). “Porque o Senhor não o rejeitará para sempre (Lm. 3:31). Em Mateus, capítulo

cinco, versículo vinte e dois, Jesus nos dá uma grande lição, a respeito do tema em tela: “...Que todo aquele que se irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo (os grifos são nossos). Concluimos que “inferno de fogo é um julgamento, seguido de condenação”. É o remorso, inquietando o ser. Na realidade, as figuras emblemáticas como fogo eterno, fornalha ardente, pranto e ranger de dentes, correspondem a um sofrimento que tem a aparência de eterno, que parece não ter fim e que é vivenciado no plano espiritual. É o remorso consumindo ou “queimando” a criatura que lembra de todas as suas ações malfazejas e anseia por um possível resgate ou reabilitação. É a própria consciência, é a voz interior da consciência acusando, reclinando. Disse o Mestre: “Ai de vós os que estais agora fartos! porque vireis a ter fome. Ai de vós os que agora rides! porque haveis de lamentar e chorar. Ai de vós quando todos vos louvarem! (Lucas 6:25-26).

No plano espiritual, vivencia-se o chamado “inferno eterno”, representando, em imagem simbólica, em sentido figurado, o sofrimento sentido pelo espírito. Desencarnado, sem a limitação do tempo terreno, o ser tem a ilusão que a lembrança não terá fim, que nunca mais se extinguirá. Daí a expressão emblemática, empregada pelo Cristo: “suplício eterno”.

Por que o Mestre falou em “fogo eterno”? Diz a Espiritualidade Maior que o espírito, submetido ao remorso, sente-se como que consumido por chamas, submetido ao fogo das torturas morais.

Na verdade, existem inúmeras eternidades de sofrimentos, de acordo com o grande número de infrações cometidas; contudo, os erros de uma única vida nunca poderiam justificar o sofrimento por todo o sempre.

O fato de Jesus ter pregado aos espíritos em prisão, revela-nos a misericórdia e o amor do Pai, que de forma nenhuma puniria um filho por toda a eternidade.

Não há condenação infinita. “Pagando o último ceitil”, segundo o ensinamento do Mestre, a prisão que parecia ser perpétua, deixa de existir (Mateus 5:26).

No Livro de Isaías, podemos ler uma mensagem divina, essencialmente consoladora e adversa à existência do inferno: “Não contenderei para sempre, nem me indignarei continuamente; porque, do contrário, o espírito definharia diante de mim, e o fôlego da vida que eu criei” (Is. 57:16);

6) No Evangelho de Lucas, há um ensinamento, ministrado pelo Cristo, revelando que o sofrimento, após a morte física, é padecido com diferenciação e tem finalidade repreensiva: “Aquele servo que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade de seu senhor e fez coisas dignas de reprovação, levará poucos açoites... (Lc. 12:47-48).

Pelos textos acima, entendemos que o “inferno” não é o mesmo para todos os pecadores.

O próprio Jesus esclarece-nos, dizendo, em continuação do versículo quarenta e oito: “Mas àquele a quem muito foi dado muito mais lhe pedirão”.

Está claro que o Mestre alude aos seres que nascem na arena física com conhecimentos espirituais ou científicos sem colocá-los a serviço do bem e, quando retomam à espiritualidade, vivenciam o chamado “inferno da consciência” (Muitos açoites).

Voltam desarmados. Receberam as oportunidades de crescimento evolutivo e não produziram algum fruto: “O servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. AH haverá choro e ranger de dentes” (Mateus **25:30**).

Aqueles que falharam, mas não possuíam o conhecimento prévio, sentem a dor do remorso, em menor intensidade (poucos açoites), já que não tinham idéia precisa do mal em que incorreram;

7) Como se processa a saída do “inferno”? Qual é a chave que abre as portas da prisão? Qual é o antídoto contra a eternidade da pena? O que, realmente, faz cumprir a enunciação do apóstolo João, dizendo que Deus é amor?

A resposta vem logo à tona: REENCARNAÇÃO...

Nosso Pai, amoroso e justo, nos faculta a oportunidade do renascimento na carne: “Necessário vos é nascer de novo” (João **3:7**), onde seremos abençoados pelo esquecimento do passado e teremos a chance da reabilitação. Contudo, Jesus nos instrui que, não raro, retomamos ao **170** mundo físico com as mesmas mazelas e sofrimentos que infligimos aos nossos semelhantes, como aprendizagem, visando à cura espiritual, e preparando-nos para o grande amanhã, dentro da eternidade: “A todo o que tem se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado” (Mateus **25:29**).

O “até o que tem lhe será tirado” representa uma penosa existência, onde os dons recebidos anteriormente não mais se farão presentes. Então, quando estamos diante de um recém-nato cego ou portador de qualquer deficiência, observamos um momento importantíssimo para o espírito que dá vida a esse ser. Está resgatando o seu débito, corrigindo o seu passado. Ele é herdeiro de si mesmo. Passa pelo que tem de passar, nenhum antepassado é culpado. Deus não castiga a ninguém. Ele concede sempre ao infrator o perdão e a oportunidade, diante de muitas vidas na matéria, de atingir a perfeição, de poder aprimorar-se diante do Universo sem fim.

Em realidade, o amoroso Criador faculta ao ser a oportunidade de reencarnar, saindo ileso do “fogo eterno”. Contudo, trazendo em seu perispírito (vestimenta espiritual) as chagas resultantes do mal que engendrou (Lei de Causa e Efeito), marca-as no corpo físico, recebendo a chance da cura total, de acordo com o procedimento diante do resgate.

Confirmando que as desarmonias do presente são quase sempre conseqüências de um passado invigilante, Jesus, ao encontrar no templo o paralítico, a quem havia curado anteriormente, disse-lhe: “Olha que já estás curado; não erres mais, para que não te suceda

coisa pior” (João 5:14).

Ensinando a reencarnação, o Mestre reafirma que devemos carregar nós próprios a nossa cruz. Devemos ressaltar, contudo, que o “nascer de novo” não visa somente a regeneração pela expiação de atos passados. Muitos reencarnam seguindo o caminho da evolução natural, despertando potencialidades, exteriorizando o “Reino de Deus”, à procura de aprimoramento, às custas de si mesmos, preparando-se, como cidadãos imortais do Cosmos, em obter a perfeição: “Sede vós perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mateus 5:48). Fomos criados simples e ignorantes e, pelos nossos próprios passos, vivendo vidas sucessivas, chegaremos à meta final, onde estaremos aptos a entender e conquistar o Universo;

8) A Astronomia nos revela que há, nos rincões celestiais, algumas centenas de bilhões de galáxias, cada uma contendo em média um centena de bilhão de estrelas. Em nossa galáxia, 172 Via-Láctea, existem cem bilhões de estrelas, uma delas, bem insignificante, de 5^a grandeza, é responsável pela vida na Terra.

Utilizando o raciocínio e a razão, entendemos que, de maneira nenhuma, pode existir, no incomensurável cosmos, apenas um planeta habitado.

Para que Deus fez tantas moradas no Universo? Os astrônomos calculam haver dez bilhões de trilhão de planetas no espaço sideral. É claro que a vida pulula abundantemente no Universo.

Os bilhões e bilhões de astros cósmicos representam uma expressão de um Ser Superior, Deus, definido em “O Livro dos Espíritos” como “inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (pergunta número um)].

Como pode alguém, diante da constatação do fantástico mundo sideral, acreditar em diabo e inferno! Alguns afirmam, peremptoriamente, que só existe a vida em nosso planeta, que sabemos ser um diminuto ponto de rocha e metal, em relação à grandiosidade do cosmos.

O Universo espelha a magnitude do seu Autor. E, assim como o apóstolo João disse ser o Pai AMOR, temos a certeza de que, ao contemplarmos a abóbada celestial, estamos, em realidade, constatando a eternidade de nossos espíritos.

Cada astro que brilha, intensamente no espaço sideral é, na verdade, mais um palco de lutas e de renovação, onde o ser espiritual, filho de Deus, continua o seu aprimoramento, preparando-se para o momento em que se tomará apto a conquistar a perfeição, granjeando, em definitivo, a cidadania do Universo.

Por favor, senhores teólogos escolásticos, não preguem a existência do inferno, já que estão em desalinho com a realidade espiritual e científica do cosmos.

O astrônomo Ptolomeu, no segundo século depois de Cristo, assim se expressou: “Mortal

que sou, sei que nasci por um dia, mas quando seguir a minha vontade a multidão compacta de estrelas em seu curso circular, meus pés não tocarão mais a Terra...”.

Nosso querido Mestre Jesus, em outras palavras, atesta a pluralidade dos mundos habitados:

“Na casa de meu Pai há muitas moradas, vou preparar-vos um lugar” (João 14:2);

O Autor do Universo, sendo Onisciente, de maneira nenhuma poderia ser responsável pelo chamado “inferno eterno” e, ainda mais, permitir que um fruto da Sua Criação, “feito à sua imagem e semelhança” (Gênesis 1:27), perecesse para todo o sempre.

Sem a reencarnação estamos diante do caos e da desesperança;

9) Desprezando a reencarnação, as correntes religiosas dogmáticas pregam a existência de somente uma vida, sendo o espírito criado no momento da fecundação ou conjugação, na união do espermatozóide com o óvulo. Porém, os textos bíblicos afirmam exatamente o contrário:

9.1) “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João 3:8).

O ser espiritual não foi formado no momento da fecundação, já que o versículo relata uma preexistência da qual desconhecemos a origem: “não sabes donde vem, nem para onde vai”. Se o espírito fosse criado no mesmo instante da formação do corpo físico, saberíamos de onde veio, já que em pleno cadinho materno teria origem;

9.2) “Antes que te formasse no ventre materno, te conheci...” (Jeremias 1:15).

Aqui está claríssima a afirmação de que o espírito preexiste ao corpo de carne. Se Jeremias era conhecido, antes de ser gerado o seu corpo de carne, é perfeitamente justificável que tenha certamente tido uma existência pretérita. A continuação do texto não nos deixa dúvidas: “Antes que saíesses da madre, te consagrei e te constituí profeta às nações”. Jeremias já era um ser superior (consagrado), tendo conquistado esse patamar da evolução em vida passada. Portanto, o espírito, antes de reencarnar, era conhecido, recebendo a missão de ser um “profeta às nações”.

Acreditar que alguém possa ser criado perfeito fere todos os princípios da Divindade. Seria uma injustiça que, de forma alguma, seria praticada por um Ente Superior e Perfeito;

9.3) “Os filhos lutavam no ventre de Rebeca” (Gênesis 25:22). A Bíblia afirma, sob a ótica do raciocínio dogmático de existir apenas uma vida, uma heresia. Admitir que os espíritos, criados dentro do ventre da mulher de Isaque, já eram adversários é duvidar da perfeição de Deus. É lógico que a adversidade teve sua causa em uma vida pretérita e reencarnaram juntos, visando uma possível reconciliação;

9.4) “Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João” (João 1:6).

Se foi enviado é por que já existia antes. Sabemos por intermédio do profeta Malaquias que Elias teria que voltar à arena física, antes de Jesus. Disse o Senhor: “Eis que eu vos

enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos...” (Malaquias 4:5-6). Portanto, João Batista é uma personalidade, vivificada por um espírito que, em existência anterior deu vida ao profeta Elias. Um ser espiritual que já vivia antes e foi enviado por Deus para uma grande missão, a de ser o precursor do Cristo.

Inobstante a afirmação dos textos bíblicos, os partidários do dogmatismo ensinam que existe apenas uma vida física e que o espírito é criado no momento da fecundação. Km detrimento de muitos versículos das Escrituras, onde a verdade é inquestionada, citam infantilmente a passagem paulina, no livro dos Hebreus, onde está escrito: “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo” (Hebreus 9:27).

Grafamos o texto propositalmente, desde que Paulo está referindo-se à personalidade, ao corpo que dá oportunidade de crescimento evolutivo à individualidade, o espírito eterno. É claro que a personalidade, constituída de água, proteína, gordura e minerais, tem uma existência limitada. O homem, personalidade terrena, está destinado a morte; contudo a entidade espiritual nunca fenece e reencamará tantas vezes quantas se fizerem necessárias.

Obviamente o homem morre uma só vez; porém, o espírito, quando volve ao mundo físico, dando vida a uma personalidade, “não sabe para onde vai, nem donde vem” (João 3:8). Após o decesso da vestimenta somática (a morte do homem), o espírito alça o vôo da libertação, sujeito contudo ao juízo que se processa nos refolhos mais íntimos do seu ser, muitas vezes assoberbado pelo remorso que parece lhe consumir como chamas ardentes de uma fornalha;

10) Jesus ensinou a Doutrina da Reencamação a um mestre fariseu.

Na calada da noite, um membro do “Sanedrium” (Tribunal supremo da Judéia) recebeu do Cristo o ensino palingenético: “Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (João 3:3).

Se o diálogo terminasse aqui, poderíamos considerar que o Mestre alude ao renascimento moral que pode ocorrer quando se segue os Seus ensinamentos, o que é uma das metas a ser conquistada, através do “nascer de novo”. Contudo, em continuação ao diálogo com Nicodemos, Jesus tenta explicá-lo, dizendo: “Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus” (João 3:5).

O que é nascer da água? Na Cabala, doutrina secreta dos hebreus, a água era considerada a matéria primordial, o elemento frutiificador. O próprio Gênesis, diz que “O Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gênesis 1:2). Portanto, a água representa o grande elemento gerador da vida física, sendo também o constituinte essencial de todas as células vivas. O embrião contém 95% de água e se encontra mergulhado nela (líquido amniótico). Em um indivíduo adulto a água constitui 70% do peso do indivíduo. O encontro do espermatozóide com o óvulo, origem de um corpo físico, ocorre em um meio

necessariamente líquido. A forma - 178

ção de um corpo físico é, então, resultante de outro corpo físico, ou seja, carne gerando carne: “O que é nascido da carne é carne”.

Infantilmente, as religiões tradicionais referem-se ao renascimento pela água do batismo, ignorando o diálogo eminentemente esotérico entre o Cristo e Nicodemos, abrangendo grande e profunda sabedoria. Na realidade, a reencamação já era conhecida, no Oriente, há milênios antes da vinda do Mestre. Há 2.500 anos A.C., “Os Vedas” já continham referências à doutrina palingenética.

Depois, Jesus afirmou ao fariseu: “Não te maravilhes de eu te dizer: vos é necessário nascer de novo (João 3:7). Realmente, a palingênese explica com sensatez e lógica as adversidades do caminho e os golpes do destino;

11) Os tropeços: mais uma vez a reencamação ensinada por Jesus.

11.1) É inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo” (Mateus 18:7).

Sendo a Terra um planeta de provas e expiações, onde a criatura se situa numa faixa evolutiva de baixo grau, é claro que o escândalo se tome inevitável em nosso orbe. Contudo, o Mestre é enfático ao nos revelar que o causador do ato danoso terá de prestar contas a si mesmo e a Deus, porquanto tudo que fazemos de mal ou de bem a outrem, repercute em nós mesmos:

179

“mas ai do homem pelo qual vem o escândalo” (Lei de Causa e Efeito).

“Toda ação praticada gera uma reação”. O espírito, tendo o direito do uso de seu livre- arbítrio, tem também a responsabilidade pelos atos que praticar: “A sementeira é livre; contudo, a colheita é obrigatória”.

As desarmonias do presente são quase sempre reflexos de um passado em erro e, através das vidas sucessivas, do “nascer de novo”, recebemos a oportunidade da reabilitação. Somente a doutrina da reencamação preenche o vazio de alguém que se encontra em sofrimento sem saber o porquê;

11.2) “Se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o, e lança-o para fora de ti: melhor é entrares na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno”.

“Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o, e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos, do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo” (Mateus 18:8-9).

Como explicar semelhante ensino do Mestre sem o conhecimento da reencamação? Não dá nem para começar.

O Cristo alude à Lei de Causa e Efeito de uma forma bem didática. Se lesamos a alguém,

na realidade, lesamos também a nós. Nossos corpos espirituais registram, numa plasticidade própria, o mal que causamos a outrem, sendo maculados, conforme a falta praticada por nós. Então, teremos que reencarnar (“entrar na vida”), materializando no corpo de carne as mazelas que trazemos repercutidas em nossos corpos espirituais. Daí a explicação sensata e lógica para as vicissitudes da vida (“nascer manco ou cego”).

Emmanuel, dinâmico benfeitor espiritual, através da abençoada mediunidade de Francisco Cândido Xavier, na obra “Leis de Amor” (Editora LAKE) nos esclarece: “Havendo o Espírito agido erradamente nesse ou naquele setor da experiência evolutiva, vinca o corpo espiritual com desequilíbrios ou distonias, que o predispõem à instalação de determinadas enfermidades conforme o órgão atingido”.

Daí a explicação para a Teratologia, para as deficiências físicas e desequilíbrios psicofísicos, que, sem a hermenêutica palingenésica, jamais seriam explicados e justificados.

Conforme já dissemos, anteriormente, pode também o espírito, pelo “amor que cobre multidão de erros”, reencarnar sem lesões físicas, tendo a oportunidade de refazer o seu passado, impresso em lesões no corpo espiritual, através de obras benfazejas, voltando ao mundo físico imbuído de obrar em tarefas assistenciais, amparando ao próximo, praticando a verdadeira fraternidade, como o samaritano da parábola, tão maravilhosamente explicada por Jesus.

Falhando consideravelmente diante das provas e expiações, retoma ao Mundo Espiritual sofrendo o rigor da dor que já lhe afligia antes de reencarnar (“lançado no inferno de fogo”).

Os textos evangélicos, tendo como título “Os tropeços”, constituem insofismavelmente uma prova indiscutível da reencarnação na Bíblia;

12) “Olha que já estás curado; não erres mais, para que não te suceda coisa pior” (João **5:14**).

Jesus, ao curar o paraplégico, junto ao tanque de Betesda, afirma-lhe que sua deficiência é resultante do erro cometido por ele mesmo, confirmando que as distonias do presente são quase sempre conseqüências de um pretérito vivido em desarmonia.

Havia chegada a hora da libertação da expiação, do resgate do seu carma negativo. O exportador da deficiência física já estava preparado interiormente para se curar, não precisava mais do sofrimento depurador. As lesões vincadas em seu corpo espiritual foram erradicadas.

Mais uma vez não há referência a uma origem do mal a partir de algum Adão. O Mestre, dizendo “não erres mais para que não te aconteça coisa pior”, faz alusão a uma causa provinda do próprio espírito, certamente tendo o seu início em uma vida transata;

13) “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mateus **16:24**).

Jesus, com esse ensinamento, vem reafirmar que não carrega ninguém no colo. Inclusive,

nega a possibilidade da salvação através do Seu sofrimento.

O Cristo esclarece que devemos tomar a nossa própria cruz e, então, segui-lo. Contudo, Jesus ressalta que temos primeiramente de nos negar, isto é, retirar de nosso interior as paixões inferiores que nos assenhoreiam. É claro que essa depuração muitas vezes é realizada através da dor, do sofrimento.

Em uma existência física é impossível realizar integralmente essa tarefa preconizada pelo Mestre. Através da reencarnação teremos inúmeras oportunidades de nos preparar para o momento abençoado, quando já O estaremos seguindo;

14) Falando de João Batista, disse o Mestre aos Seus discípulos: “Se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mateus **11:14-15**).

Insofismável a presença da reencarnação de Elias como João Batista. Inclusive, há uma profecia de Malaquias, em que está dito que Elias voltaria à Terra, com a missão de preparar o caminho de Jesus (Malaquias **4:5-6**). Exatamente foi João Batista, aquele que foi incumbido dessa missão.

Digno de registro a passagem em que o pai do precursor, Zacarias, recebe a comunicação da espiritualidade, a respeito do nascimento do seu filho. O mensageiro, chamado Gabriel (“Homem de Luz”), repete as palavras do profeta Malaquias, dizendo que João Batista virá “no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos” (Malaquias **4:5-6** e Lucas **1:13-17**). Mais uma passagem bíblica provando a reencarnação.

Zacarias, após o nascimento do filho, incorporado por um santo espírito profetizou, isto é, falou como intermediário, como médium, clamando: “Tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos” (Lucas **1:76**).

Como já foi dito, pela boca de Malaquias, que é Elias quem precederia o Senhor, não existem dúvidas: O profeta do Antigo Testamento voltou ao mundo físico, reencarnando como filho de Zacarias, vivificando um novo corpo, chamado de João Batista.

Alguns irmãos, contrários à palingênese, não aceitando a reencarnação pelo motivo de ser combatida em suas dogmáticas religiões, afirmam ingenuamente que Elias ainda não voltou, já que “o grande e terrível dia do Senhor”

(Malaquias **3:1**) é o último dia do Juízo Final.

No entanto, o Cristo desmente essa pseudo-explicação, afirmando: “Eu, porém, vos declaro que Elias já veio e não o reconheceram, antes fizeram com ele tildo quanto quiseram” (Mateus **17:12**). O evangelista logo após arremata, no versículo seguinte: “Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista”.

“E agora, José?” A reencarnação está claramente demonstrada nesses trechos de “O Novo Testamento”. É uma verdade já conhecida, no Oriente, há milênios antes da vinda de

Jesus e o Mestre não deixou passar a oportunidade de ensinar aos Seus discípulos a doutrina do “nascer de novo”.

Por que João Batista foi degolado?

A resposta está contida em uma explicação, tendo por base a pluralidade das existências: Elias, no Monte Carmelo, provocou os sacerdotes de Baal e, sendo vitorioso no desafio, matou a todos ao fio da espada, no ribeiro de Quisom (Primeiro livro de Reis **18:40** e **19:1**).

Elias utilizou a espada como instrumento de justiça, empregando a violência. Pela Lei de Causa e Efeito, tão sabiamente ensinada pelo Cristo, sabemos que o Tesbita, ao tocar criminosamente nos sacerdotes idólatras, assumiu um carma negativo.

Disse Jesus: “necessário vos é nascer de novo”. Logo, o espírito assassino, quando reencarnado como o Precursor, passou pelo mesmo sofrimento físico, ao ser decapitado também a espada.

E vocês, leitores amigos: “Querem reconhecer que João Batista é mesmo Elias que estava para vir?” (Mateus **11:14**);

15) Uma Entidade Espiritual diz ao evangelista João, na ilha de Patmos « “É necessário que profetizes outra vez a respeito de muitos povos, e nações, e línguas e reis” (Apocalipse **10:11**).

Analisando o texto, utilizando a razão e o bom senso, constatamos uma continuidade: “profetizes outra vez”. Ora, quem foi que profetizou anteriormente a respeito de muitos povos, e nações, e línguas e reis? A resposta vem enfática: “O profeta Daniel”*.

Sabendo que o apóstolo João nunca tinha se utilizado da profecia, antes do arrebatamento espiritual verificado em Patmos, podemos afirmar que o emissário do plano espiritual falava ao mesmo ser que vivificara a personalidade do *Nota: Retirado do livro “Cartas a um Sacerdote”, do mesmo autor, publicado pela Editora Espírita “Mensagem de Esperança”, Capivari, SP. profeta Daniel e agora renasce como João Evangelista.

É interessante frisarmos a analogia do Livro de Daniel com o Apocalipse. Quem se proponha ao estudo das profecias de Daniel, verificará que a maior parte das figuras e muito da sua linguagem se encontram também no Apocalipse. O mesmo Espírito, em duas encarnações, sendo porta-voz das mesmas visões e revelações.

Não podemos deixar de dar ênfase também a outra prova evangélica da volta do Espírito Daniel à arena física, reencarnando como o “discípulo amado” do Cristo.

No livro de Daniel, capítulo nove, versículo vinte e três, aparece ao profeta o arauto Gabriel, dizendo: “...és mui amado”. No capítulo dez, versículo onze e dezenove, novamente Daniel é chamado carinhosamente, por uma elevada Entidade espiritual, que acreditamos ser o próprio Jesus, de “homem muito amado”.

Amados leitores, é realmente maravilhoso sabermos que nenhum outro personagem bíblico foi assim denominado, a não ser o apóstolo do amor, João Evangelista.

O mesmo Jesus, durante Sua passagem gloriosa pela Terra, encarnado como qualquer um de nós, encontra-se novamente com Daniel, agora reencamado na pessoa de João. Segundo o próprio evangelista, foi ele o discípulo amado do Cristo (João 19:26, João 20:2 c João 21:7).

Concluimos que o mesmo Espírito, que vivificara as personalidades de Daniel e João, tinha chegado ao clímax do amor em sua evolução. Daí ter sido chamado de “homem muito amado” e “discípulo amado por Jesus”.

O Mestre sente por toda a humanidade o mesmo impulso amoroso, sem privilégio de nenhuma criatura.

É muito edificante sabermos que a reencamação é não só comprovada pela Ciência, como também tem alicerces bíblicos bem significativos;

16) Muitas outras referências bíblicas, referentes à reencamação, poderiam ser comentadas e analisadas. Os discípulos tinham conhecimento da palingênese, desde que suas perguntas a Jesus traziam com muita propriedade fundamentos reencamatórios. Nosso intento foi demonstrar a presença do fenômeno palingenético na Bíblia, procurando satisfazer a curiosidade de alguém ou ajudar a um perquiridor na suas pesquisas, como também solapar o edifício dogmático da negação reencamatória.

Este capítulo é resultante da nossa busca, iniciada na infância e ainda não complementada, já que o conhecimento da palingênese é ilimitado.

É incrível que haja ainda alguém descrente da reencamação. Contudo, até a nossa indignação é explicada pela doutrina das vidas sucessivas.

Cada ser é um universo e se encontra sintonizado com determinada faixa vibratória. Os que aceitam a palingênese são aqueles que raciocinam, percrustando as dessemelhanças da vida humana sob a ótica do amor, sabendo que não há favoritismo dentro do Universo, sendo o Espírito o artífice do seu crescimento e evolução.

Uma só existência física é insuficiente para nos assenhorearmos do alfabeto cósmico e, principalmente, para elaborarmos as primeiras linhas da escrita do cosmos.

A reencamação representa em todos os sentidos uma dádiva dos céus, sempre perdoando e dando oportunidades para a aquisição das experiências, em todo o transcurso da evolução.

Agradecemos aos leitores amigos a consideração, esperando ter sido útil para muitos irmãos necessitados do conhecimento da verdade que emana dos textos bíblicos, ainda não adulterados ou maculados pela Teologia dogmática.

Disse com muita propriedade “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e de modelo, Jesus” (Livro dos Espíritos, questão 625): “Conhecereis a verdade e ela vos libertará” (João 8:32).

CARO LEITOR

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal.

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

CASA EDITORA O CLARIM Rua Rui Barbosa, 1070 - CEP 15990-000 - MATÃO - SP